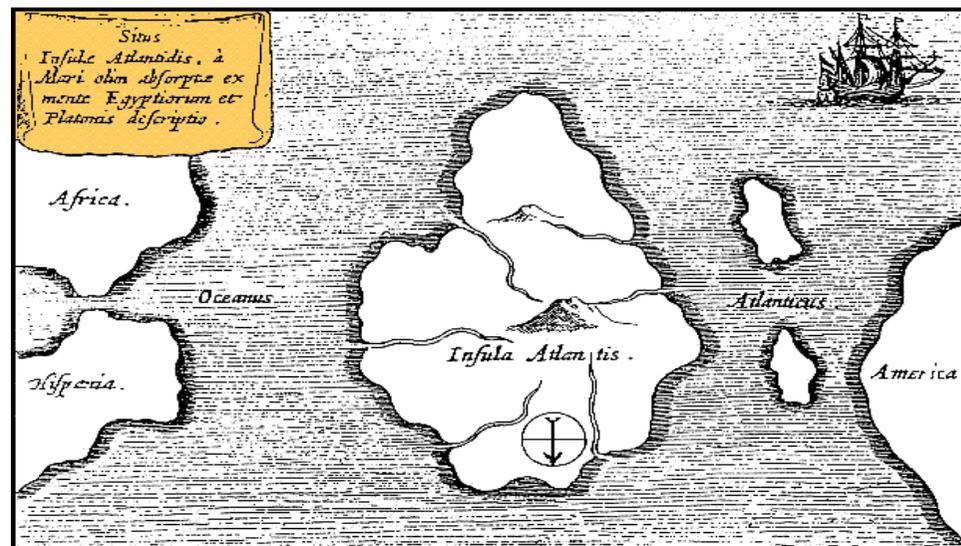


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº 11 junho 2011

DEDICADO A URBANO BETTENCOURT



CADERNO Nº 11 junho 2011

DEDICADO A URBANO BETTENCOURT

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

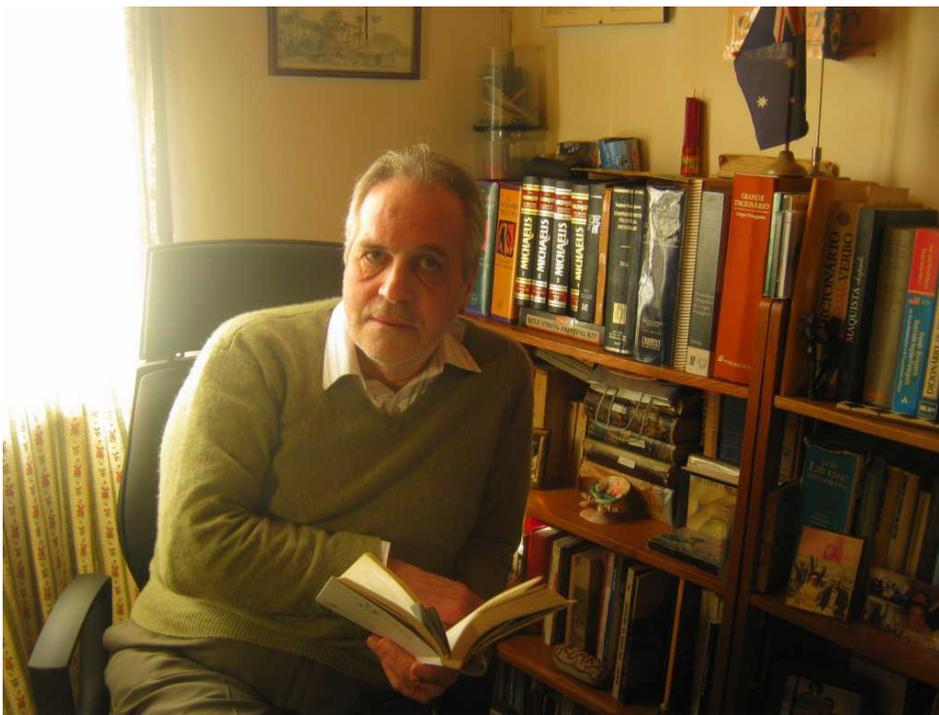
Editor AICL/Colóquios da Lusofonia
Chrys Chrystello editou este número
Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por
COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA
- **revisto janeiro de 22**

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRISTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**. A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente. Em janeiro 2010, brotaram estes despreziosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA**, servirem de complemento aos currículos regionais e às **Antologias de Autores Açorianos** que a AICL começou a publicar a partir de então.

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino “**9 ilhas, 9 escritoras**”. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana «*enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência*”.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...*assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental*”.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, “*a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundividências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem*”.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiosincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados»², e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*
- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

² Adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

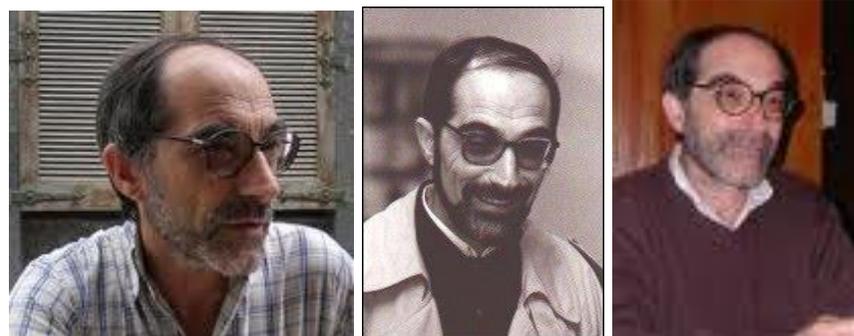
Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos a publicar em 2017.

Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Nestes Cadernos já foram publicados autores contemporâneos que estiveram presentes nos colóquios: **Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Caetano Valadão Serpa e Eduardo Bettencourt Pinto além de outros nomes incontornáveis como Álamo de Oliveira, Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix e EDUARDO BETTENCOURT PINTO. Hoje é a vez de publicarmos URBANO BETTENCOURT.**



MANUEL URBANO MACHADO BETTENCOURT Nasceu Na Ilha Do Pico, Freguesia Da Piedade, (Piedade, Ilha Do Pico, 1949).

Licenciado Em Filologia Românica Pela Faculdade De Letras De Lisboa. Doutorado Em Estudos Portugueses Pela Universidade Dos Açores, Onde Lecionou Entre 1990 E 2014.

Começou a sua atividade profissional na Escola Secundária da Amora, tendo posteriormente lecionado na E.S. da Bela Vista (Setúbal), na E B 2,3 Padre João José do Amaral (Lagoa) e na E.S. Antero de Quental, a cujo quadro de professores pertence e onde presentemente exerce a docência.

No domínio da investigação, tem dedicado particular atenção às literaturas insulares, sobre as quais já proferiu conferências em Cabo Verde, Madeira, Canárias e Açores. Colaboração em revistas da especialidade, no país e no estrangeiro.

Entre 2006 e 2009 dirigiu, com Carlos Alberto Machado, a coleção «Biblioteca Açoriana», para a qual preparou a antologia de contos de José Martins Garcia, *Português, Contrabandista*.

Participou na coordenação das seguintes antologias de poesia açoriana:

Caminhos do Mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense (com Lauro Junkes e Osmar Pisani). Florianópolis, Santa Catarina, 2005,

Pontos Luminosos. Açores e Madeira - Antologia Poética do Século XX (com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel). Campo das Letras, 2006.

Azoru Salu. Dzejas antologija (com Leons Briedis). Riga, Letónia, 2009.

Colaborou na rádio e na televisão – para esta última colaborou com José Medeiros na adaptação do romance *Mau Tempo no Canal*, de Vitorino Nemésio, e no documentário «Djutta Ben-David, Voz & Alma».



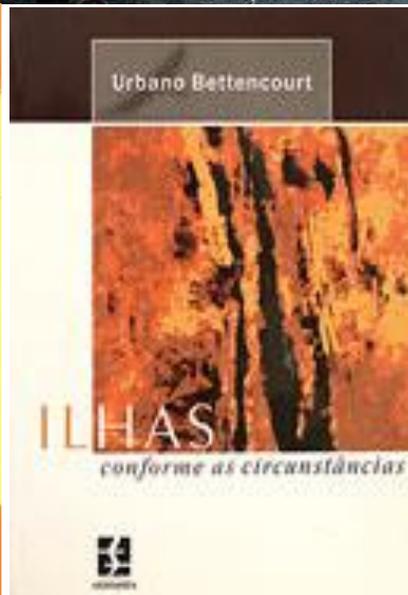
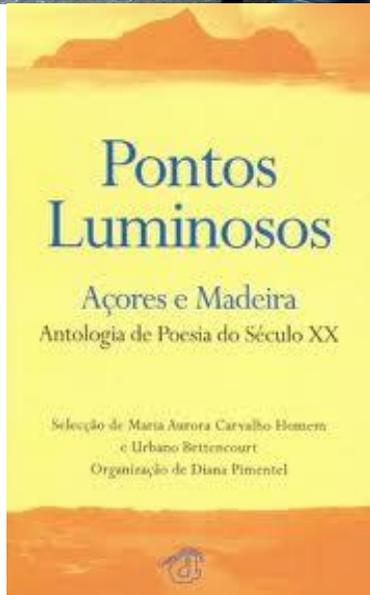
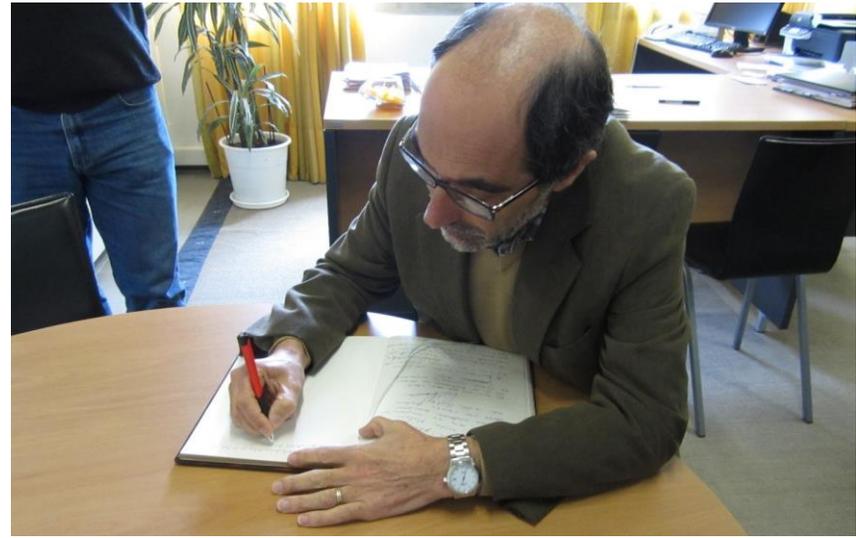
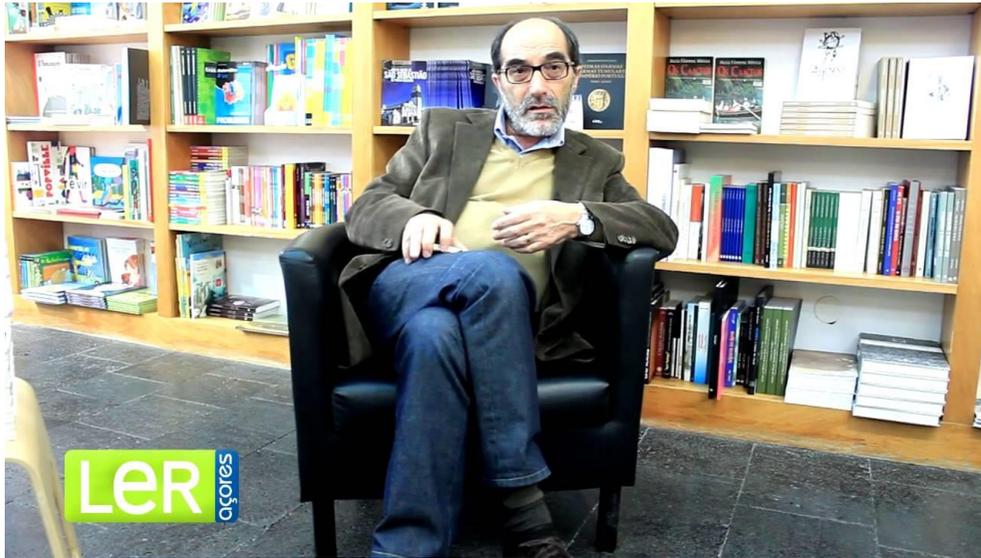
Bibliografia:

- (1972). *Raiz de mágoa*. Poesia. Setúbal, ed. autor
- (1976). *Ilhas. Narrativas, com Santos Barros*. Lisboa, ed. autor.
- (1980). *Marinheiro com residência fixa. Poesia e narrativas*. Lisboa, ed. GICA.
- (1983). “Antologia de Poesia açoriana”. In *O Gosto das Palavras 1*. Angra. SREC: 77-87
- (1983). *O gosto das palavras 1. Ensaios sobre Antero de Quental e outros autores açorianos; o caráter cósmico de alguma poesia barroca. e os Apólogos Dialogais de D. Francisco Manuel de Melo*. col. Gaivota. SREC: 77-87
- (1984) com Costa Melo, Lúcia. *Rota sibilina*; pref. Maria da Conceição Vilhena. Vila Franca do Campo: Ilha Nova. Ponta Delgada, Câmara Municipal.
- (1986). “Rodrigo Guerra. Alguns olhares”, in Onésimo T Almeida: *Da literatura açoriana, para um balanço*. Angra. SREC: 45-54
- (1987). *Naufrágios. Inscrições. Poesia e narrativas*. Ponta Delgada, Ed. Brumarte-Signo.
- (1987). “Algumas palavras a propósito”, in Terra. F.; *Água de verão*. Ponta Delgada, Signo.
- (1989). *Emigração e literatura, alguns fios da meada. (Ensaio da emigração açoriana nalguns contistas açorianos do final do séc. XIX)*. Câmara Municipal da Horta
- (1989). *O gosto das palavras 1*. 2ª ed. II [ensaios sobre autores açorianos e Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, et alli]. Ponta Delgada, Ed. Jornal de Cultura.
- (1991). “Antero açoriano. Vozes em volta”. *Revista da História das ideias* vol. 13. Coimbra: 221-229
- (1992). “Carlos Faria, de Nova Iorque às Fajãs de S. Jorge” in Faria, Carlos. *São Jorge Ciclo da Esmeralda*. Ed. Signo. Câmara Municipal das Velas: 3-8.
- (1993). “S. Jorge no Roteiro de alguns viajantes”. *Insulana*. Ponta Delgada, ICPD: 385-402.
- (1995). “Algumas das cidades”, poemas em prosa. Angra, IAC, col. *Ínsula*.
- (1995). *O gosto das palavras II, da Literatura Açoriana. Notas muito lacunares para uma aproximação. Ensaios sobre autores açorianos e Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão e outros*. Ponta Delgada, Jornal de Cultura: 13-16
- (1998). *De Cabo Verde aos Açores. À luz da claridade de S. Vicente. Ensaio sobre a recepção açoriana da literatura cabo-verdiana*. Mindelo. Cabo Verde. Câmara Municipal
- (1998). *O gosto das palavras 3*. SREC. Angra col. Gaivota nº 31
- (1998). “Bolos de mel”, in *Margem 2 Funchal* nº 10, dez: 50-51
- (1998). “A ilha de Fernão Dulmo”, in Homem, M.A em *Mau Tempo no canal; colóquio “As ilhas e a mitologia”*. Câmara Municipal do Funchal: 117-123
- (1999). *O gosto das palavras 3. Ensaios sobre literatura clássica portuguesa. Literatura açoriana e cabo-verdiana*. Lisboa, col. Garajau ed. Salamandra.
- (2000). In *Nove rumores de mar, Antologia de poesia açoriana contemporânea* org. Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas Instituto Camões e Seixo Publishers
- (2001). “Uma outra açorianidade, um texto esquecido de Vitorino Nemésio” in *Vitorino Nemésio, 1º centenário do nascimento (1901-2001)*. *Separata da Atlântida* vol. 46. Angra IAC
- (1999) “Introdução” in Vitorino Nemésio *O mistério do Paço do Milhafre, obras completas* vol. 7 Lisboa IN-CM: 9-27
- (1999). “Pedro da Silveira, escrita e o mundo” in *O Faial e a periferia açoriana nos 550 anos do descobrimento das Flores e Corvo. Boletim do Núcleo Cultural da Horta*: 597-604
- (2003). *Ilhas conforme as circunstâncias. Ensaios sobre literatura açoriana, cabo-verdiana e são-tomense*. Lisboa, ed. Salamandra.
- (2004). “José Martins Garcia”. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* vol. 13: 59-64
- (2004). “José Martins Garcia: a palavra. O riso”. *Separata Arquipélago Línguas E Literaturas* vol. 17. Ponta Delgada, Universidade dos Açores.
- (2005). *Lugares, sombras e afetos (poesia e narrativas)*, desenhos Seixas Peixoto. Arganil, ed. Autor.
- (2005). *Santo Amaro sobre o mar*, com Desenhos de Alberto Péssimo. Arganil. Ed. Moura Pinto
- (2005). *Santo Amaro sobre o mar* com Desenhos de Alberto Péssimo. 2ª ed. revista. Câmara Municipal de São Roque do Pico
- (2005) in *Caminhos do mar, antologia poética açoriano-catarinense com Lauro Junkes e Osmar Pisani*. Florianópolis. Santa Catarina.
- (2006). “Manuel Lopes, escritor, um cabo-verdiano nos Açores”. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* vol. 15
- (2006). *Antero*, com desenhos de Alberto Péssimo (poesia). Arganil. Ed. Moura Pinto.
- (2006). *Frases para ter na algibeira*, org. de Sara Pais. Lisboa. Livramento.
- (2006). *Mística e nuvens do vulcão do Pico*, com Victor Hugo Forjaz, Zilda Tavares Melo França, Lurdes Bettencourt e Oliveira, João José Fernandes. Ponta Delgada, OVGA, Açores.
- (2006). “O guardador de freiras”, in *Margem 2*. Funchal nº 21, abril: 44-46

- (2006), in *Pontos luminosos: Açores e Madeira, Antologia poética do séc. XX*, com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel, ed. Campo das Letras.
- (2007). “Nas Lajes: um chá imprevisível”. *Separata da Revista Magma* 4. Lajes do Pico, ed. Câmara Municipal.
- (2007). “Entre Cabo Verde e os Açores, a literatura em viagem” in *Mid Atlantic Margins. Transatlantic Identities. Azorean Literature in context*, John Kinsella e Carmen Ramos Villar, eds. Lusophone Studies nº 5. University of Bristol.
- (2007). “Literatura açoriana, da solidão atlântica à perdição no mundo” in Tutikian, Jane e Brasil, Luiz Assis org., *Mar horizonte: literaturas insulares lusófonas*. Porto Alegre. EDIPUCRS. col. Memória das Letras nº 22: 11-22.
- (2008) *Caminhos do mar, antologia poética açoriano-catarinense com Lauro Junkes e Osmar Pisani*, coord Onésimo Almeida. Florianópolis, Santa Catarina
- (2008). “A afirmação de uma cultura própria” in Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas Meneses, Guilherme Reis Leite, dir. de *História dos Açores, do descobrimento ao séc. XX vol. 2*. Angra IAC: 307-322
- (2008). “O tempo de Florêncio Terra”. *Separata do Boletim do Núcleo Cultural da Horta* vol. 17. Horta.
- (2008). “Novas do achamento do Divino em terras brasileiras” [Recensão a *Caminhos do Divino* de Lélia Pereira da Silva Nunes] in *Jornal de Letras* nº 114 Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, fevº.
- (2008). “Pedras Negras. Dias de Melo” in *Jornal de Letras* nº 119. Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura,
- (2009). “Manuel Lopes, escritor, um cabo-verdiano nos Açores” in José Luís Hopffer Almada (org). *O ano mágico de 2006. Olhares retrospectivos sobre a história e a cultura cabo-verdianas*. Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde.
- (2009). “Signo Atlântico” in José Martins Garcia: *Português, contrabandista, seleção de contos*. Lajes do Pico. Biblioteca Açoriana, Companhia das Ilhas
- (2009) in *Azoru, Dzejas antologija* com Leon Briedis. Riga. Letónia
- (2009). *Santo Amaro sobre o mar, com desenhos de Alberto Péssimo*. 3ª Ed. Revista. Câmara Municipal de S. Roque.
- (2010). *Que paisagem apagarás?* Ponta Delgada, ed. Publiçor
- (2011) in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
- (2011) in *Antologia da Memória poética da Guerra Colonial*. Roberto Vecchi, Margarida Calafate Ribeiro (Org.). Fotografias: Manuel Botelho. Notas biográficas: Luciana Silva e Mónica Silva. 1ª ed. Porto: Afrontamento [ISBN 9789723611748] 648 pp.
- (2011). “O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens”, revista *Ponto Cardeal* n.º 4. Madalena, Pico. Escola Cardeal Costa Nunes, novº
- (2011). “Eduíno de Jesus, o Bar Jade e o jornal *A Ilha*”. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*
- (2012). “Fernando Aires e a Geração de 40”. 17º *Colóquio da Lusofonia*. Lagoa. Açores
- (2012). *África frente e verso*. Ponta Delgada, Letras Lavadas
- (2012) in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
- (2013). *Outros nomes, outras guerras*. Lajes do Pico, ed. Companhia das ilhas.
- (2014). “Garcia Monteiro, autógrafos e algo mais”. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*.
- (2014) “Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia”, tese de dissertação, Universidade dos Açores
- (2015). “José Martins Garcia. A linguística vai à guerra”. 23º *Colóquio da Lusofonia*. Fundão
- (2015). “Ser escritor nos Açores”. 23º *Colóquio da Lusofonia*. Fundão
- (2016). “Vitorino Nemésio: para um pensamento insular atlântico” in *História, pensamento e cultura. Estudos em homenagem a Carlos Cordeiro*, coord Manuel A Conde, Susana Serpa Silva. [s.i.]
- (2016). “Prefácio” a *Antero 125 anos depois*. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, Ed. da Associação de antigos alunos do Liceu Antero de Quental.
- (2016). “A obra de Germano de Almeida”, 26º *Colóquio da lusofonia*, Lomba da Maia, Açores
- Bettencourt, Urbano (2017). “Pedro da Silveira - As ilhas da literatura”, 27º *colóquio da lusofonia*, Belmonte

Atualização da bibliografia em
<https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>

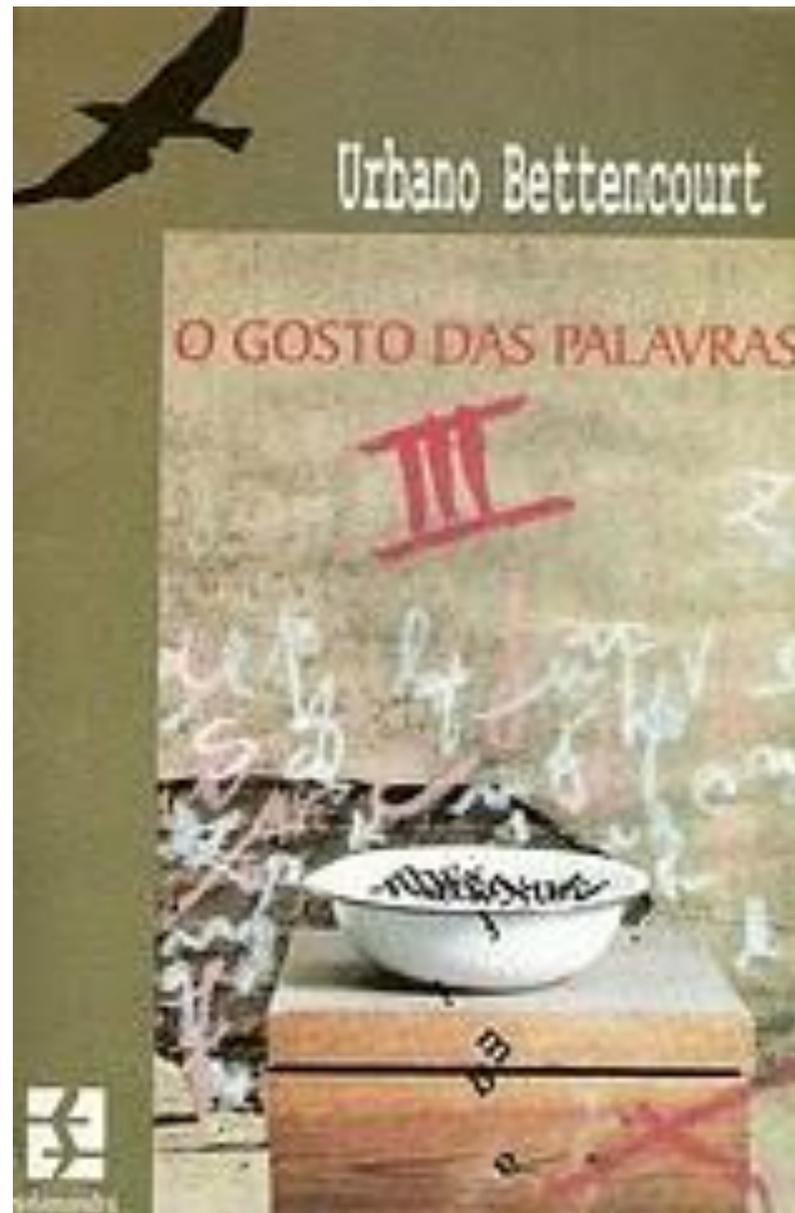


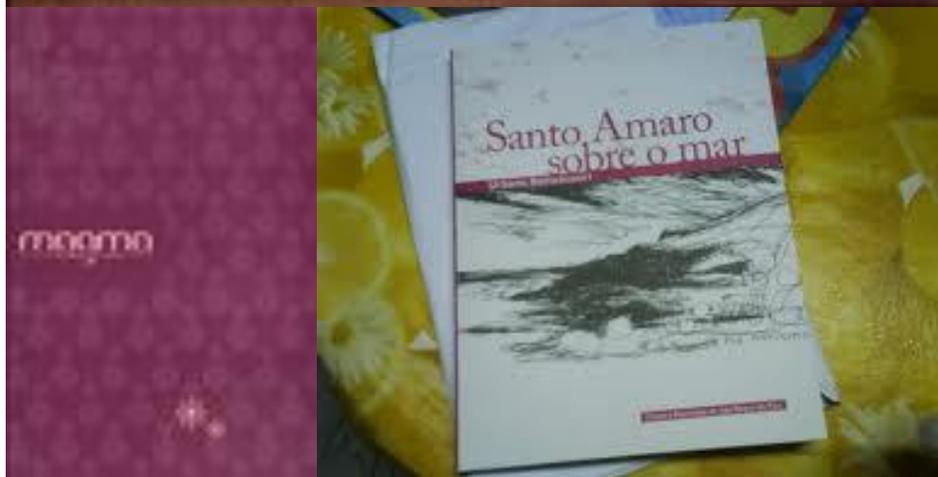


-
-
-



LAGOA 2012, 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA





De Mafra, com mágoa - In Raiz de Mágoa, Setúbal, 1972

Mafra
é mafra
e eu
sou eu.

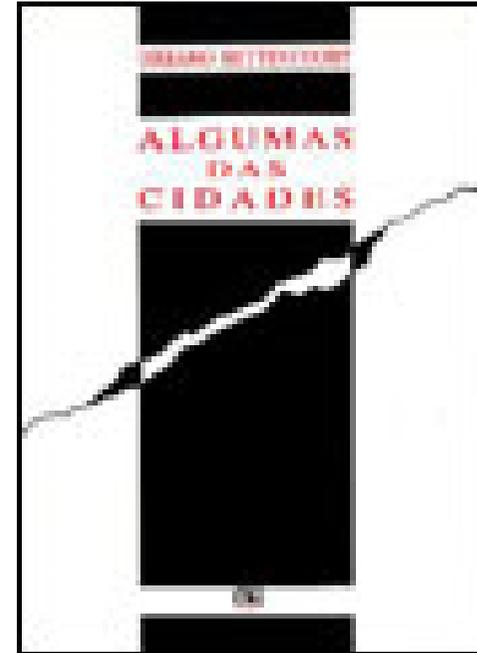
Nunca dancei ao som de carrilhões
nem pus colchas floridas nas janelas.
Não pretendo lançar no futuro
a minha história que os outros construíram.

Mafra é mafra
e eu sou livre.
Ou não.

(Meus escravos de África plantados no Brasil
escavando o ouro com a coronha das g-3.)
Nunca acertei meus passos pelo ritmo das balas
nem porei a cabeça no alvo que procuras.

Mafra
é mafra
e eu
sou eu.

Por detrás das máscaras eu lá estou
sem ódios, nem balas, nem guerra
despido
e com um ramo de cravos
em cada mão.



ALGUMAS DAS CIDADES

Ela cantava, a mulher. Ceifeira não seria, embora no seu canto, tal como no da outra, pudesse haver *o campo e a lida*, um canto de ave ondulando *no ar limpo como um limiar*.

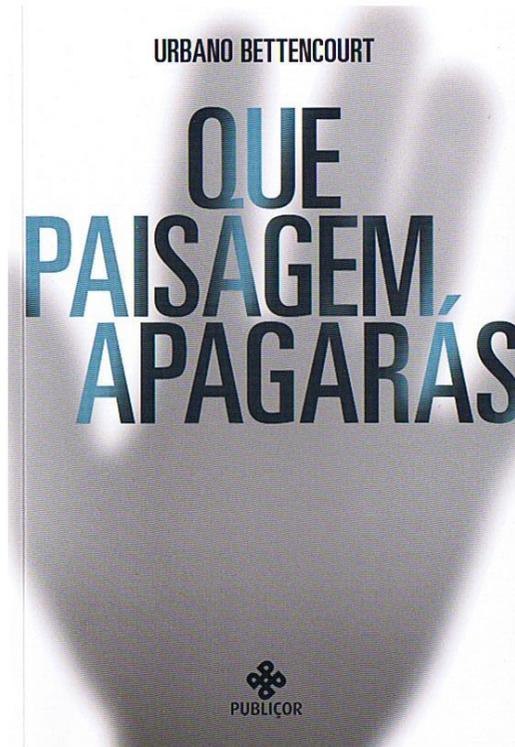
Teremos nós de dar-lhe um nome a que possa acolher-se? Ou o nome ficará como a parte irredutível do seu mistério? Certo é que essa mulher não era mais do que a voz em cujos fios o mundo se enredava e prendia e nós, dela presos, nos perdíamos.

Era no silêncio que ela cantava, quando o rumor das coisas se apaziguava e a calma descia pelas suas mãos até pousar nos móveis e nas flores. Então, a voz erguia-se, vinda do outro lado do tempo, e trazia consigo o sabor do mel, um travo a sal, nesse canto onde se ouvia ainda a agonia de marinheiros perdidos nuns olhos negros ou naufragados entre barcos, entre remos, muito longe do seu chão, talvez na Urzelina, talvez no Maranhão. E enquanto o seu canto se erguia e invadia os mais remotos refúgios da casa, estrelas intangíveis atravessavam o olhar da mulher e caíam no seu regaço, até que um pastor, de voz desfeita e lira quebrada, viesse colhê-las para depor no peito da sua amada Lira morta.

Mas como pode a Lira estar morta, se ela mesma era a mulher que cantava e em cujo canto o tempo se confunde com a eternidade?

CIDADES DE PASSAGEM

Tenho viajado muito
nem sempre na melhor altura.
Em Bolama ninguém me acompanhou
na casa de chá em ruínas onde as chávenas
estremeciam sempre que uma granada
caía sobre a praia.
Passei por Trieste numa tarde triste.
Na sala do Hotel Garibaldi o pianista
amparava-se nos Noturnos de Chopin, à meia-luz,
havia uma chuva fina e George Sand
não apareceu.
Del Giudice julgava ainda
poder encontrar-se com Gerti;
ela, porém, partira há muito levada
por um verso de Montale: *i sedicenti vivi
non sono tutti morti.*
Na estação o Anjo serviu-nos um café forte.
D.G. partiu também por fim
pude ver o comboio perder-se
por entre a chuva e a noite.
Em Amesterdão
marinheiros mijavam para o céu
que não havia
e as estrelas caíam,
mesmo assim, nos seus cabelos. Um cantor rouco
de raivas e ternuras comovia-se até aos ossos
com a virtude das mulheres infiéis.



A DIVINA MIOPIA

“Deus,
vendo toda a sua obra, considerou-a
muito boa.”

A LENDA DO GRANDE CITADOR

Ele citava muito, citava tudo. Um dia, até citou um toiro.
Anda agora de muletas e já não escreve.

A RÃ E O BOI

Uma rã socialmente desfavorecida atravessou uma pastagem cercada de hortênsias,
onde encontrou um boi muito musculado a apanhar banhos de sol. Roída de inveja,

prometeu a si mesma tornar-se como ele, para também poder receber subsídios de Bruxelas. E começou logo a encher-se de vento e a frequentar um Centro de *body building*.

Quando, finalmente, conseguiu falar de igual para igual com o boi, a rã soube que os subsídios haviam sido desviados para os países de leste. Antes que entrasse em depressão, foi nomeada Diretora-Geral das Atividades Estéticas e Gastronómicas.

E passou a ser tratada por D. Arrã.

ERNESTO GREGÓRIO, PARAFRASEANDO JULIETTE GRECO

Os maiores escritores açorianos vivos estão mortos.

ARTE E SOCIEDADE (SEGUNDO ERNESTO GREGÓRIO)

A função da literatura é servir de consolação e refrigério, mesmo àqueles que não querem ser refrigerados.

ERNESTO GREGÓRIO, SALERO

Todas as manhãs, ele vinha à janela e gritava: “Eu sou universal!”
E, de monte em monte, de costa a costa, o eco repetia: *sal ...sal...sal...*

ERNESTO GREGÓRIO, CLÁSSICO

Leitor compulsivo de Borges, o seu sonho era tornar-se um outro Pierre Menard. E, num acesso de patriotismo (pouco moderno, *hélas!*), pôs-se a escrever o *Livro da Enssynança de bem cavalgar toda sela*.

Ao dar por concluído o trabalho, verificou com bastante folgança que se havia transformado na coisa cavalgada. À boa maneira clássica.

O ESPLENDOR DA CRÍTICA

O crítico de serviço leu demoradamente o livro *Lugares sombras e afetos*. E acabou por deter-se numa questão de suma transcendência: os apetitosos seios desenhados por Seixas Peixoto são regionais ou universais?

A IMPORTÂNCIA DA RETÓRICA

O Senhor disse ao homem: “Comerás o pão com o suor do teu rosto.”

O homem tomou à letra as palavras do Senhor. E num inverno rigoroso, sem conseguir suor para acompanhar o pão, acabou por morrer de fome.

É o que acontece a quem não sabe da Retórica.

O LEITOR DE NUVENS

Era esse o homem que habitava a casa da vinha sobre a Rocha. Verão atrás de verão, inverno após inverno, os seus olhos seguiam o andamento das nuvens, a que dava nomes quase familiares como Boca da Baleia, Cabeça do Toiro ou Nuvem da Prainha. E, ao decifrar o seu perfil transitório, de cada uma delas recebia notícias do futuro: o caminho e a cavalgada dos ventos, as longas estiagens e as suas fomes, a arribação dos pássaros, o corpo dado à costa sobre um pranchão de naufrágio.

Creio que lhe chamavam o Sábio e procuravam-no sempre antes das pequenas ou das grandes viagens que poderiam alterar os rumos da vida; mas o seu fascínio talvez resultasse mais desse modo que tinha de escapar ao imediatismo do quotidiano para se entregar ao desvendamento do mistério das coisas, à leitura dos sinais que orientam os passos de cada dia.

De certo e seguro apenas sei que, quando morreu, em vão tentaram homens e mulheres baixar-lhe as pálpebras sobre o seu definitivo sono; por isso, a imagem última que dele retenho é a dos seus olhos transparentes de tanto olhar o céu.

O COMBOIO INEXISTENTE

Quando acabou de arrumar a bagagem, modesta, Antero sentou-se. Era o único passageiro do compartimento, mas este seria, seguramente, um luxo efémero. Lá fora, uma chuva miúda erguia uma cortina de poeira, através da qual uma luz tímida se infiltrava. Para lá dela pressentia-se talvez a extensão rumorosa do mar nesse início de setembro. E perpassava em tudo um difuso sentimento de abandono e de perda, uma nostalgia sem razão aparente. Ou talvez a sua razão única e suficiente fosse precisamente o facto de alguém entrar num comboio e preparar-se para partir; neste caso, qualquer estação seria sempre um lugar de melancolia. Mas também isso não era assunto definitivo. Não estava ele ali, pronto a arrancar e levado por um projeto otimista que o enchia de esperança no futuro e nos trabalhadores da sua ilha?

Na plataforma em frente, havia agora uma agitação mais acentuada, os passageiros

cruzavam-se desordenadamente, nalguns casos as malas chocavam entre si e o som que provocavam esbatia-se contra o gesto e o olhar irritado de quem se sentia perturbado na sua marcha. Um novo passageiro entrou no compartimento. Deixou no ar uma saudação esquiva e sentou-se também, mergulhando na leitura do jornal. Antero pôde, por isso, reparar nos seus olhos claros sobre um rosto oblongo e no tom ruivo da barba e dos cabelos crespos. Traços não muito vulgares a sul, antes fariam pensar num remoto parentesco flamengo. Mas a associação talvez fosse uma simples consequência das indagações que desenvolvia sobre a própria ascendência.

Não esperava grande troca de palavras com o homem diante de si, um pouco à esquerda. O Castelo Branco gostava de repetir que o comboio veio combinar o desfrute da paisagem com o gosto da conversação. Mas a paisagem em si mesma não comovia Antero por aí além; melhor dizendo, só o comovia enquanto objeto já transfigurado pela imaginação lírica. E, quanto a conversas, sentiu de súbito uma saudade imensa e funda do Castelo Branco. Precisava tanto de tê-lo ao seu lado naquele momento, com a ténpera de combatente e a força do coração que lhe davam ânimo e fulgor, quando ele, Antero, se via frente a frente com a realidade. Que falta lhe fazia o Castelo Branco! Só ele lhe preenchia o vazio de senso prático e sabia traçar os rumos concretos para as suas construções abstratas; só no seu ombro encontrava apoio, quando em redor todos os mundos ruíam em cadeia. Um ligeiro soluço marcou o arranque do comboio, depois um andamento hesitante e, finalmente, a marcha normalizada. As imagens do exterior deslizavam sobre a janela como o cenário de um sonho que ele próprio tivesse inventado.

O desconhecido esboçou, então, um início de comunicação, com umas frases entrecortadas e quase em surdina. E deixou no ar um nome, de que Antero apenas reteve o extremo final, Del Giudice. Sentiu um ligeiro estremecimento interior, a sonoridade fê-lo pensar em Garibaldi... o velho sonho de alistar-se no seu exército. Onde isso já ia... Mas decorreu ainda algum tempo antes que um e outro pudessem chegar ao ponto de falar dos motivos ou acasos da vida que os tinham feito encontrar-se no compartimento de um comboio.

– Vou à procura de uma mulher que saiu de casa atrás de um verso de treze sílabas – declarou Del Giudice, enquanto tentava surpreender no rosto do outro o efeito dessa confissão.

– Não creio que seja uma boa razão para viajar.

– A da mulher ou a minha?

– A sua. Perseguir um verso pode ser um projeto de vida, mesmo que se trate de um verso funesto. Mas lançar-se no enalço de uma mulher por causa disso já me parece intriga de novela de mistério.

E se fosse mesmo? E se um homem decidisse refazer no terreno o roteiro de uma personagem, deixando-se guiar por ela, tentando decifrar aquilo que o seu olhar e o do perseguidor tinham entrevisto? Mesmo sabendo que, no final, a mulher continuará por encontrar.

– O desfecho seria dececionante.

– Não acho. A própria viagem já seria uma conquista. – E depois de uma breve hesitação:

–

Mas continuo sem saber que razão ou razões o levam a partir...

– Observações, apenas. Quero avaliar as possibilidades do comboio como meio de propaganda e difusão da revolução. Esta formidável invenção dos tempos modernos poderá contribuir para o esclarecimento e a libertação do povo proletário. Não esqueço que foi através do comboio que a minha geração tomou contacto com as preocupações intelectuais e sociais do seu tempo. Gostaria de lançar esse projeto na minha ilha.

– Não deixa de ser uma utilização extravagante do comboio.

– Já imaginou o que seria percorrer de comboio uma ilha industriosa como a minha, promovendo sessões com os trabalhadores, levando-lhes as luzes da revolução e fazendo-os aderir às grandes causas e noções de hoje?

– E eles estarão dispostos a isso? No final, o desfecho da sua viagem futura talvez venha a ser mais dececionante que o meu. Vou atrás de uma mulher que existe, e para sempre, desde que um autor lhe deu vida pela escrita. Você vai atrás de uma vaga figura possível, a revolução. Uma figura tão abstrata como os deuses que você rejeita e para os quais encontrou um sucedâneo que é a sua cópia.

– Aí é que se engana. Com o empenhamento dos espíritos esclarecidos e a preparação da consciência pública, a revolução será uma realidade concreta, transformando a sociedade no ponto de vista político, económico e religioso!

– Gostaria de partilhar desse entusiasmo, mas não é fácil. Aliás, já vi escrito em qualquer lado que uma única revolução é possível ou antes inevitável em Portugal: é a revolução anárquica da fome, mas essa não precisa que ninguém a promova, nem pode ser matéria de programas políticos.

– Todos nós passamos por momentos de desânimo – condescendeu Antero, por fim, antes de os dois se remeterem de novo ao silêncio.

O comboio atravessava agora uma zona de neblina que reduzia o mundo exterior a uma tela cinzenta, sobre a qual um perfil de fantasma irrompia, a espaços, para logo se esfumar na voragem da velocidade. O rumor regular dos rodados produzia no compartimento uma atmosfera de bolha submersa, incapaz de subir à superfície. Sem o saberem, avançavam ambos como se a noite fosse um destino.

DEFOE NO CORVO, Para Pedro Javier Castañeda García

O escritor inglês chegou ao Corvo no início dos anos oitenta, a convite de Ricardo Ascensão. E pôde, com argúcia, observar os homens e a amplidão do mundo a partir de um espaço tão diminuto como esse. Em várias crónicas da época (com o título aqui aproveitado), disse nos deu conta o seu anfitrião, que acabaria, porém, a vida em terras de Espanha, entre os ferros e as chapas de um acidente de viação em que pereceram igualmente os escritores J. H. Santos Barros e Ivone Chinita.

Defoe deixou de imediato a Ilha. Não teve, por isso, oportunidade de informar-nos sobre o naufrágio do *Tapestry*, ocorrido logo após a queda do Muro de Berlim, quando o navio transportava a Orquestra de Balalaicas de Moscovo, que se dirigia a Nova Iorque para celebrar a nova Harmonia Universal.

Dois naufragos deram à costa no momento em que o Conselho de Anciãos, reunido no Outeiro, entoava o *Coro dos Velhos do Corvo*, composto em tempos imemoriais por um incerto Vasco Pereira da Costa, ali arribado em fuga aos cataclismos da sua própria ilha. E puseram-se a tocar melodias distantes em que o rumor das estepes se perdia no silêncio das grandes extensões do oeste. Tocaram, tocaram, durante uma tarde inteira, enquanto o Conselho, absorto como o jogador de xadrez do outro, discorria sobre o destino do queijo e das estrelas, sobre a impercetível mas inexorável caminhada da sua ilha para ocidente e à razão de dois centímetros e meio por ano.

E nunca perceberam, os naufragos, que as arrastadas palmas com que três anciãos coroaram a sua atuação musical não eram mais do que uma simples manifestação de regozijo pelo fim desses estranhos sinais sonoros que tinham vindo perturbar-lhes a redonda quietação atlântica.

O POÇO DE MARÉ, THE TIDAL WELL, Pico e S. Miguel agosto de 2010 (publicado em <http://195.245.168.15/icmblogs/rtp/comunidades/>)

Para a Allyson, a Brianna, a Christina, a Elizabeth, o Jaime e a Sarah

Havia um poço de maré no meio do caminho: a pedra aparelhada e negra como a dos muros e casas altas em redor, o balde, o braço de madeira para fazê-lo subir e descer ao ritmo dos dias. Muitos viajantes ali terão parado a descansar das andanças do mundo, outros retiraram dali a água que apaga a fomalha das vinhas e dos alambiques afastados do olhar.

Ninguém esperaria encontrar-se com uma samaritana, mesmo que ela fosse apenas pretexto para um daqueles milagres capazes de tornar doce a água do mar ou transformá-la em vinho de bodas rústicas. E, na verdade, quem lá estava era um homem que pousava a mão no beiral do poço e olhava o lento escoar do tempo ao fim da manhã. O sol batia-lhe no cabelo e corria depois pelo rosto, onde algumas sombras se tinham deixado ficar. Mas não era a água que o detinha ali; muitas marés tinham já subido e descido pelo seu corpo gasto, abrindo sulcos e fissuras e traçando o rasto de canseiras e fadigas (dessas coisas sabia ele) e chega uma altura da vida em que se faz um balanço e tudo parece cumprido. Então, as palavras despem-se de pressas e inquietações, pois já todas as sedes foram apaziguadas e satisfeitas as fomes e resta um fio de memória sobre a terra seca, uma sabedoria trazida do passado para lançar ao futuro. Como se ele estivesse ali desde tempos remotos à espera destes jovens vindos do outro lado do mundo precisamente para ouvi-lo.

You know, um homem sempre quer melhorar a vida, e em setenta e dois havia a guerra no ultramar, quem é que podia ver os filhos baterem lá com os costados?, eles na América tinham também o Vietname, mas no Canadá não havia guerra, e isto aqui era tudo uma pobreza, uns pobres de Cristo que nunca sabiam o que o dia seguinte lhes ia trazer. Era arriscado caminhar por aí fora, rumo ao desconhecido? Pois era, mas havia trabalho. Trabalho duro, na construção, tijolo para cima, tijolo para baixo, bricks, you see, trabalho bruto, buildings enormes, casas e mais casas, mas dava dinheiro e um teto para proteger a mulher e os filhos do calor e do frio.

Trinta e oito anos depois, muitas marés já cobriram e descobriram o fundo deste poço, a vida é assim, uns tempos a andar e outros a desandar. Sabe o senhor, um homem deixa a ilha, o senhor também não vive cá, sabe como são as coisas, deixa a ilha e pensa que vai ali fora uns tempos, uns anos, e depois regressa com a vida arrumada para gozar o fruto do seu trabalho. Fantasias!

O tempo encarrega-se de varrer-nos essas teias da cabeça. Agora, venho por cá sempre que posso, umas vezes só por vir, para estar com o meu silêncio, outras para pôr ordem na vida, acrescentar os retratos da graduation de mais um neto, da neta que casou, é assim como uma segunda vida que os retratos vão contando deste lado, em cima das cómodas, ao lado daqueles que sempre estiveram cá. Os netos já não pertencem a estas pedras negras, you see, são canadianos. É melhor dizer que ainda não pertencem, hão de pertencer um dia quando descobrirem que isto aqui também faz parte deles, uma parte ausente, como uma jaqueta que ficou na curva do caminho e se pode ir buscar a qualquer hora. Mas é preciso saber esperar, o tempo é que amadurece as amoras que saltam por aí à frente dos olhos, e há o tempo de cada um regressar às casas pela primeira vez e reconhecer a arrumação dos retratos, das mesas e das camas, reconhecer o lugar que sempre ocupou nelas desde o princípio das coisas. As casas guardam os sinais das pessoas, os gestos e até

mesmo as vozes, às vezes debaixo de camadas de poeira, e aguardam que alguém chegue um dia e reclame para si essas memórias. Mas, se o senhor me diz que esta rapaziada vem cá por causa disto tudo, então o que é que eu tenho para lhes dizer que eles não saibam ou não venham a saber pelos seus próprios meios?

Havia um poço de maré no meio do caminho. E um homem que ainda lá deve continuar, renascendo em cada palavra lançada aos improváveis netos surgidos nessa manhã de sol.

VOZES NO CÉU DE DUBLIN

Para Adelaide e Vamberto Freitas

Havia uma mulher sentada junto ao murete de pedra, nessa meia tarde de um outono precoce em que visitámos as ruínas da Abadia de Howth.

O guia turístico adquirido na receção do hotel informava que Howth “has long been a favoured dwelling place for writers”. Mas, referida a Dublin, qualquer indicação sobre a presença literária na cidade será sempre redundante. Assim, a manhã esgotara-se entre a visita ao Dublin Writers’ Museum e a demorada passagem pela Martello Tower, aliás, James Joyce Tower, cujos recantos e escadarias pareciam ressumar ainda a inquietação difusa perante a ameaça de uma eventual invasão napoleónica.

A voz de Buck Mulligan, que nos havia transportado até aos alvares do século XIX num andamento pausado e a rondar a monotonia, adquiriu uma súbita vivacidade ao descrever o memorial joyceano. E ganhou uma inesperada gama de modulações e registos quando se pôs a evocar os acontecimentos dessa luminosa manhã de junho de mil novecentos e quatro em que Leopold Bloom saiu de casa para comprar rins de carneiro e, ao entrar no talho, pediu tomates, num particular momento de perturbação espacial e linguística cujo eco o escritor Arménio Vieira faria chegar às ilhas de Cabo Verde.

Em Howth não houve qualquer Buck Mulligan a falar-nos do remoto prestígio da Abadia e do fascínio que exerceu sobre os intelectuais da Europa medieval. Vagueámos pelo seu interior, tentando apenas surpreender ainda um possível rumor de passos e as vozes dos homens que ali, um dia, construíram o seu mundo por entre o recolhimento e a contemplação da Ireland’s Eye, separada de terra por um curto braço de mar e, mesmo assim, ilha longínqua, entregue ao seu destino de solidão e abandono. E tudo isso se harmonizava, enfim, com a melodia que a mulher sentada junto ao murete se pusera, entretanto, a entoar.

Nessa noite, Briege Murphy cantava no Howth’s Abbey Center. Mas só quando começou a interpretar “The sea” me apercebi de que ela era, afinal, a mesma mulher que nós surpreendêramos junto às ruínas da Abadia. A sua voz desenhava um fio melódico que se erguia no ar em movimentos oscilantes, acentuados pelo dedilhado sóbrio do violão, e nessa ondulação devo ter pressentido os ritmos marítimos de Saint-John Perse, o fluxo e refluxo das suas marés verbais, dos seus versos desmaiando sobre o corpo de uma ilha da memória. Talvez tenha mesmo tentado perseguir no rasto dessa voz o remoto apelo do mar que secretamente ecoa na poesia de Emanuel Félix. O mesmo mar que traçou para sempre o destino de Enrico Mreule, levando-o a trocar o fechado Mediterrâneo pelo Atlântico infindo, sem saber que este era, afinal, esse *outro mar* de Claudio Magris e onde tudo acontece.

Lentamente, porém, a canção ganhava corpo nas palavras de uma dorida história de amor em que uma mulher a pouco e pouco se perdia de si mesma nas repetidas ausências do seu homem no imenso Atlântico selvagem: *he takes a piece of me with him, each time he leaves the shore*. Depois, uma fina amargura invadia os versos e a melodia até desembocar num desabafo derradeiro em que tudo era já sem remédio nem consolação: *he won’t stay home for me, cause my love he has a mistress, she’s the sea*. De súbito, naquela história de enamoramento e ciúme chegavam-me os ecos da belíssima abertura do romance *Saudade*, de Katherine Vaz, e nela vibrava a voz de Conceição Cruz, como se José Francisco tivesse decidido perder-se em definitivo da terra. E dei comigo a pensar como será bom saber que, de cada vez que sucumbirmos ao íntimo chamamento do mar, uma voz de mulher há de erguer-se para chorar-nos o destino e a perdição.

Assim, longe dos Açores e da Califórnia, ouvindo Briege Murphy no Howth’s Abbey Center, eu era ao mesmo tempo leitor e personagem do romance de Katherine Vaz.

DESDE A CIDADE NERVOSA, (Publicado originalmente em Atlântico Expresso. Ponta Delgada, 25.06.2001.

Para Paula Massot

O Pico é para saborear e deve ser procurado sobretudo naqueles recantos do interior e da beira-mar de que fogem os taxistas de pé ligeiro que te querem despejar sobre o cais a tempo de apanharem o almoço na cidade em frente; por isso, se queres conhecer o Pico, vai aos Açores em agosto e eu mostro-te o lado íntimo da ilha. Terá sido mais ou menos isto o que eu disse a Enrique Vila-Matas em mil novecentos e noventa e sete, quando nos encontrámos no Funchal para participar no Colóquio «As Ilhas e a Mitologia». Na Feira do Livro, uma primavera suave cobria de flores de jacarandá os stands e os expositores, por

entre os quais Federico Mayol fazia circular a sua perplexidade e o súbito espanto de uma autodescoberta (nós é que não reparámos nisso).

E voltei por certo a afirmar-lho quando, no ano passado, ele me apareceu inesperadamente em Ponta Delgada para visitar o túmulo de Antero, nessa tarde em que a cidade (nervosa) despejava na Avenida a fina-flor do seu lixo carnavalesco. Entre o túmulo e o banco sob a âncora a que nenhuma esperança acode, com uma viagem pelo sul até ao chão que primeiramente pisaram os náufragos de há meio milénio, houve ainda o tempo de uma saltada ao Faial para ver como poderia a realidade do Peter's Bar enfrentar a verdade dos *recuerdos inventados* no rasto de Tabucchi.

Nos começos deste ano, a voz do Enrique anunciava-me do outro lado do telefone: «Urbano, estoy en Pico.» O calendário registava mais uma vez a semana de Carnaval. Já não lhe falei de agosto.

E depois de ler o seu mais recente livro, *Desde la ciudad nerviosa* (Alfaguara, 2000), sei definitivamente que não voltarei a propor-lhe esse mês para um reencontro na minha ilha. Afinal, agosto é o tempo de gozar todas as comodidades e confortos de Barcelona, imobilizado em casa e pensando em quantos por esse mundo queimam os pés na praia ou, em paisagens bucólicas, se afundam numa poia de vaca. É o tempo de, melancolicamente, pensar também naqueles que, iludidos talvez pela toponímia espanhola, acabam por desembarcar em ilhas onde até os pastores são alemães e donde enviam nos postais turísticos os derradeiros e aflitos apelos de quem vai afogar-se para sempre. E é, finalmente, o tempo de escrever a Jean-Paul Sartre, dizendo-lhe que a literatura pode servir a um escritor para vingar-se dos amigos que o invejam e lhe encham a casa com os nada invejáveis postais de amanheceres em países remotos ou pores-do-sol em casas de cinzentos países civilizados. E pode servir, acrescentaria eu, para iluminar a noite das cidades, nervosas umas, invisíveis outras, quem sabe se inabitáveis quase todas, como diria U. Eco, ou ainda para conduzir-nos pelos labirintos da palavra do outro e reorganizar assim a *memória do mundo* ao lado de Ítalo Calvino e de quantos as crónicas-ficções de Enrique Vila-Matas a cada passo convocam, na constante preocupação de refazer a gramática da escrita e das diferentes linguagens em que somos ditos e nos dizemos.

Sei definitivamente que não voltarei a propor a Vila-Matas uma viagem ao Pico em agosto. Mas continuarei a insistir em acompanhá-lo num outro qualquer mês, para mostrar-lhe como é possível ainda hoje ver as ilhas erguer-se violentamente do mar como no princípio de tudo e dar-lhe a conhecer alguns lugares que poderiam ter alterado os rumos e o sentido da viagem vertical de Mayol antes de cruzar-se com esse vago professor Silveira, de quem se dizia que tudo copiava de Manfredi; poderei mesmo sugerir-lhe vários nomes para o café onde Mayol passa as tardes em cavaqueira com os seus amigos da tertúlia

literária: Santamaro, Castelete, Cais do Galego ou Calhau, por exemplo, e não deixarei de levá-lo à Baía do Canto ou à ermida negra erguida junto ao que resta do navio soterrado pela lava quando aproava a S. Jorge, aonde o apóstolo Mateus se dirigia para cobrar os impostos. E acabaremos por certo a provar um cavaco guisado na companhia de Almeida Firmino e António Nobre, se porventura a gastronomia politicamente correta ainda não tiver substituído aquele pitéu por uma açorda cor-de-rosa. Sei definitivamente que, depois disso, ele poderá escrever de novo *As Ilhas Desconhecidas* ou o *Corsário das Ilhas* e chamar-lhes livros seus, como o fizeram Raul Brandão e Vitorino Nemésio ou Pierre Menard em relação ao *Quixote*, e reclamar para si a autoria de uma frase simpática sobre a ilha em frente ou de uma outra segundo a qual tudo, para o ilhéu, se resume em longitude e apartamento, ainda que em castelhano as duas palavras pudessem reduzir-se a uma só: *lejanía*.

Sei também, e mais definitivamente ainda, que depois disso ele terá mesmo de escrever novamente as *Ilhas de Matéria Nenhuma*, de Nadine Villejean, que descobriu o Pico através de Manuel Machado e Aud Körbol e se perdeu nos mistérios da lava e do silêncio, sem ouvir as vozes do vento e do fogo nem compreender que, depois de Tabucchi ter escrito «Uma baleia vê os homens», o Capitão Ahab está morto e enterrado e não ressuscitará ao terceiro dia, e só mesmo Sena Jeter Naslund resgatará ao fundo da memória alguns traços do seu rosto diluído já no tempo e nas ruínas do afeto. E, ao reescrever esse livro, ele há de redimir de vez o olhar perturbado de Nadine Villejean e descobrir que os seculares enforcamentos nas figueiras da Baía do Canto não passam, afinal, de suicídios exemplares; e há de contar ainda a história do homem que sonhou ter entrado numa grande livraria que vendia apenas um livro intitulado *Terra de Lídia*, de Maria Orrico, e ao abri-lo deparou com um único parágrafo que dizia: *Percebi que ninguém chega aos Açores mais do que uma vez. O primeiro passo é definitivo e irrevogável, marca-nos para o resto da vida o corpo em viagem. Depois, são apenas retornos, regressos, remorsos de terra húmida que não se deixa esquecer.*

E quando, um dia, ele deixar as *Ilhas de Matéria Nenhuma*, será para regressar ao seu texto «En las Azores» e reescrevê-lo infinitamente até já não distinguir os *recuerdos verdaderos* dos *recuerdos inventados*.

NAS LAJES, UM CHÁ IMPREVISÍVEL, (Publicado como separata da Revista Magma, 4. Lajes do Pico, Câmara Municipal, junho de 2007)

Para Vera Sabino e Semy Braga

Quando cheguei ao Pico pela primeira vez, um teto de nuvens baixas reduzia a ilha a uma barra verde-cinza muito regular, ligeiramente achatada nos extremos. Em vão procurei

aquela montanha que as fotos tiradas a partir de S. Jorge transformam no perfil perfeito de um seio – *um seio inútil de noite*, como escreveria Chateaubriand.

Aproveitei o resto da tarde para instalar-me e descansar da viagem. E depois do jantar abalancei-me a uma breve incursão pelas Lajes, um pouco à toa, mas sem esquecer algumas das recomendações feitas pelo senhor Amílcar, proprietário da Residencial. Para falar verdade, nas Lajes não se anda à toa, pois o traçado da vila quase nos controla os passos e os encaminha para a rua principal, paralela à linha da costa e donde partem as perpendiculares que levam até ao mar. Este foi um dos aspetos que mais impressionaram o poeta Wang Yong, que por lá andou disfarçado de viajante, com uma mochila onde guardava amostras de lava, lenços de papel com poemas e desenhos eróticos, conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos de Camilo Pessanha. É como se a malha urbana obedecesse a uma geometria que proporciona a vida interior entre o Cruzeiro e o Largo da Matriz e, ao mesmo tempo, mantém o diálogo constante com o mar, fator indissociável da história e da economia da vila – simultaneamente recolhida e aberta ao mundo. Mas não pude deixar de surpreender-me com a notória harmonia e coesão da arquitetura civil que preenche o espaço entre esses dois polos, embora só mais tarde eu viesse a identificar os diferentes traços epocais que nos fazem recuar até ao século XVI, talvez mesmo ao século XV.

Inesperadamente, porém, tudo vai desembocar na Igreja Matriz, na desmesura da sua volumetria e de um gótico naufragado em pleno Atlântico. Foi essa visão que assombrou Raul Brandão, em 1924, quando a viu ainda por acabar, suspensas as obras pelo despautério republicano. Isso não impediu o escritor de fazer justiça à teimosia do padre que, em vão, gastara ânimo e fazenda para tentar levar um sonho por diante: “uma carcaça morta e negra erguida em frente ao mar, e separada de terra por montes espessos que ameaçam submergi-la. Moram lá as aves marinhas... Aquilo foi um sonho e nenhum sonho se chega a concluir – o sonho não cabe no mundo.”

Melhor ou pior, alguns sonhos até podem concretizar-se – fui pensando ao entrar de novo na Residencial, quando apenas uma vaga claridade para lá do extremo da ilha indicava o oeste do mundo. Ali estava eu para prová-lo, prestes a concluir um sonho que fora ganhando forma desde que o Museu dos Baleeiros me convidara para expor as fotos que eu fizera na Baía dos Golfinhos, quando acompanhei a expedição científica de Edson Bittencourt àquele habitat do sul do Brasil.

Na manhã seguinte acordei cedo. A Montanha continuava envolta nos seus velos de cinza e lã.

No restaurante, chamou-me a atenção um quadro suspenso por cima da mesa de apoio às refeições. Em fundo, uma paisagem de tons sombrios que poderia ser observada através

de uma janela; o traço branco de um cavalo atravessava o céu sobre casas e árvores, a cabeça e as crinas tinham dado lugar ao rosto e ao cabelo de uma mulher – talvez um centauro de sexo oposto. Do lado de dentro, mais próximo do observador, um bule de chá em tons amarelados e róseos sobre o qual se recortava uma figura de mulher com longo vestido preto; na sua mão direita, um lírio antecipava a brancura do vapor que saía do bico do bule. Na parte inferior deste, uma breve inscrição: “imprevisível chá da imaginação”.

– Uma oferta do autor – disse atrás de mim o senhor Amílcar, ao ver o meu interesse na pintura. – Esteve cá uns dias com a mulher, também pintora. Brasileiros de Santa Catarina. Passaram o tempo divididos entre o fascínio pela Montanha e a inquietação perante o seu mistério.

Antes de montar a exposição, deambulei ainda um pouco pelas Lajes e dei comigo a percorrer o muro que parte da frente do Museu e termina lá fora em cais de acostagem. Nessa espécie de leque, um monumento recente quebra a escuridão do basalto, o seu topo ondula sobre uma porta que resume o destino das Lajes, talvez mesmo do Pico, entre o mar e a ilha. Vista daí, a vila deixa perceber melhor a natureza do seu assentamento sobre esta língua de terra resultante de antigas escoadas lávicas. Foi também a partir daí que comecei a entender a insistência com que Fernando Alvarez fala da “fajana de Lajes” no seu livro *Islas de Fuego*.

Passei o dia ocupado com a instalação das fotografias. Tive de reordená-las em função das particulares condições do espaço disponível, de modo a tirar o melhor aproveitamento dos enquadramentos e da luz, e isso levou mais tempo do que o previsto. No final, acabei por sentir-me satisfeito. As minhas fotos ganhavam, finalmente, pleno sentido num Museu onde parece ecoar ainda a voz de antigos baleeiros e onde a proximidade dos seus gestos nos torna cúmplices de uma aventura de pranto e riso, euforia e morte.

Nessa noite, jantei com Richard Johnson, empresário norte-americano que o senhor Amílcar me apresentara, também ele hóspede da Residencial. A história que me contou acabaria por dissipar a minha indisfarçável surpresa inicial perante a fluência do seu português escorreito, apenas com um ligeiro toque fonético.

Durante vários anos trabalhara numa empresa texana que se dedicava à exportação de democracia, com grandes negócios na América do Sul. Por essa razão tinha viajado muito para o Brasil, onde permanecera durante longas temporadas na época dos generais. Mais tarde, a empresa voltou-se para o Iraque, mas nessa altura Johnson já não pertencia aos seus quadros. Tinha descoberto o turismo e feito dele a paixão moderna de que fala Agustina Bessa-Luís e que, à semelhança de todas as paixões, é muito palavrosa, escuta pouco e não deixa ver nada do que se passa em volta. Agora estava nas Lajes por causa de

um projeto ambicioso e visionário: transformar a vila numa estação turística de luxo, com hotéis, restaurantes e casinos, porque o turismo, compreenda o senhor, não é mais do que uma continuada circulação entre a mesa das refeições, a casa de banho e a mesa de jogo. Isso implicava deslocar a população das Lajes para uma urbanização construída de raiz nas margens da Lagoa do Paul, mas com todas as comodidades modernas. Nada de extraordinário! Bastava ter em conta o que se passara no Alentejo com a Aldeia da Luz ou até mesmo pensar no exemplo micaelense das Sete Cidades, com a sua comunidade humana instalada nas margens de uma lagoa de águas amarelas. Já imaginou as Lajes transformadas numa Las Vegas *under the volcano*, debaixo do vulcão, façó-me entender? E ria muito, visivelmente satisfeito com a alusão a Malcolm Lowry.

Ainda lhe falei dos estudos científicos sobre a previsível subida das águas do mar, que submergirão as Lajes dentro de cinquenta anos, segundo os pessimistas crónicos, ou daqui a um século, na opinião de outros mais habituados a lidar com o discurso político. Sem qualquer efeito. Nada o demovia. Tudo isso ocorrerá progressivamente; durante algum tempo ainda, poderemos explorar aqui as potencialidades turísticas de uma Veneza atlântica. E quando a submersão total se concretizar, abrangendo também outras vilas do Pico, não pensem elas que se livram! teremos oportunidade de nos dedicar à arqueologia submarina, o grande destino dos Açores numa altura em que “a natureza mágica” se terá tornado um *slogan* obsoleto e absurdo.

Quando me despedi de Johnson, ele falava ainda nos seus projetos, com um entusiasmo a que já não era totalmente alheia a garrafa de aguardente de figo posta à nossa disposição pelo senhor Amílcar (Romana Petri talvez preferisse um copinho de “angélica”, como ela tontamente insiste em escrever). Pedi para me levarem um chá ao quarto e antes de adormecer pus-me a ler *El Mal de Montano*, de Enrique Vila-Matas. Rosario Gironde já tinha regressado ao Faial depois da viagem ao Pico onde se encontrara com o escritor Teixeira, que vivia no sopé da Montanha; estava agora entretido a traçar o mapa do mal de Montano e já registara nele o vulcão picoense, por causa das toupeiras militantes que no seu interior conspiravam contra a literatura.

Aos poucos, uma sonolência foi-me aconchegando o corpo, deixando-o num amolecimento geral. O leitor portátil continuava a reproduzir o CD de Carlos Nuñez, agora o tema “Nubes del otro lado”, com as suas sonoridades cada vez mais distantes, por fim um volume de sons indiferenciados como a massa de nuvens que decerto ainda esconderiam a Montanha. Algum tempo depois, não sei quanto, eu fazia *whale watching* a bordo da *Cigana*, navegávamos ao longo da Rua Direita, o vigia avistara um grupo de golfinhos no Lago da Matriz. Seguíamos lentamente e sem falar, apenas a voz da nossa guia dissertava sobre arquitetura baleeira e construções do séc. XVI, misturava janelas de sacada com torres de madeira e cunhais de basalto. Quis pedir-lhe um esclarecimento, mas por mais

que tentasse não consegui articular qualquer som. Passada a ligeira curvatura da rua, surgia de repente a torre da Igreja de Notre-Dame de Bruges. O condutor do barco era, ao mesmo tempo, o nosso guia; chamava-se Carlos e falava-nos alternadamente em inglês e em espanhol com algumas palavras portuguesas que atestavam a sua ascendência, a mesma do seu remoto homónimo borgonhês. Conduzia de modo temerário ao longo dos canais, mas por momentos enchia-se de cuidados extremos, aconselhando-nos a ficar sentados e muito quietos enquanto passávamos sob a Ponte Bonifácio. O Lago de Amor estava cheio de golfinhos excitados. Carlos aproveitou para uma tirada lírica e vagamente erótica, ainda antes de se entregar a uma tentativa de humor: Bruges é uma cidade muito católica, com as suas mais de cem igrejas, e também muito praticante, tem quatrocentos e vinte e três bares. A ausência de reação da nossa parte deixou-o desolado e, quando desembarcámos junto à Ponte Nepomuceno, nem foi capaz de lançar-nos um sorriso de despedida.

À nossa espera estava uma jovem guia flamenga que se recusava a falar francês e nos levou a visitar o interior da Montanha. Antes de entrar na gruta de acesso, prendeu à cintura a ponta de uma longa corda enrolada dentro de uma celha de madeira. Percorremos galerias vagamente iluminadas, a pouco e pouco baixava o rumor das vozes, deixando ouvir o som espaçado das gotas que se desprendiam do teto. Avistámos por fim uma vasta sala onde uma brigada de funcionários diligentes alimentava uma grandiosa fogueira de livros. Um desses funcionários passou muito perto de nós, na camisa ostentava um crachá com as iniciais *M E*. Ministério da Economia? da Educação? Pude vislumbrar alguns títulos que levava nos braços: *Fahrenheit 451*, *Os Lusíadas*, *Dom Quixote*, *Morrer Devagar*. De repente, descobrimos que a nossa guia tinha perdido a corda que nos ligava ao exterior. Quisemos voltar sobre os nossos passos, mas não havia qualquer abertura nas paredes em redor. Na confusão que se seguiu, alguém me atirou ao chão e dezenas de toupeiras passaram sobre mim em correria desenfreada. Com o esforço para me erguer, acordei.

De manhã, falei deste sonho ao senhor Amílcar. Ele sorriu.

– Isso foi do chá de ontem. O tal da imaginação. E como bem sabe, senhor Machado, esse chá é totalmente imprevisível.

GF, CRONISTA

Tempos houve em que ele se chamou Gaspar Frutuoso.

Nascido e criado na ilha de S. Miguel, coube-lhe a missão, que para si tomou, de contar o que das ilhas se sabia. Não apenas dos Açores, mas igualmente de outras ilhas dispersas pelo grande mar Oceano Ocidental, como as da Madeira e Porto Santo, a El-Rei de Portugal submetidas, tão perto das Canárias, pertença de El-Rei de Espanha, e logo ainda as do Cabo

Verde, povoadas de portuguesas.

É verdade, porém, que maior atenção lhe mereceram as ilhas que eram as da sua naturalidade. Delas traçou o perfil e o recorte, ao mesmo tempo que assinalava o porfiado labor dos primeiros que chegaram para dar-lhes um aspeto humano, desbravando-as, ocupando-as.

Coube-lhe ainda registar o rol dos infaustos sucessos que, subvertendo a terra, sepultavam os vivos sob o manto do silêncio definitivo.

Curador de almas e doutor da Igreja, sabia Frutuoso que tão importante como o pão tirado da terra é a palavra memória do passado, que dá sentido à caminhada dos homens, pela consciência de pertencerem a um território conquistado ao desconhecido. Foi ele o cronista da chegada e dos começos. E soube ver como o desterro e o apartamento eram a condição desta nova humanidade insular, a contas com ela própria, com os seus anjos e demónios, sem Atlântida, sem antepassados.

Mas, ao escrever sobre os povoadores, Gaspar Frutuoso fazia-o já sobre um tempo havido e no tom desenganado de quem, na degradação dos homens e dos costumes, conseguia decifrar a letra e a forma do aviso que o Infante lançara do fundo da História: os primeiros povoadores roçarão, os filhos comerão, os netos venderão e os bisnetos fugirão.

Dois séculos mais tarde, ao acompanhar esses bisnetos em fuga, ele há de chamar-se Gaspar de Fróis.

Agora doutor por Coimbra e curador de corpos, junta à sua dor e esperança as de quantos, no porão e no convés do navio, cruzam o Atlântico com sonhos de Brasil no olhar e piolhos no cabelo. A penúria das ilhas e as promessas do Reino empurram-nos para oeste, sem suspeitarem que, de porto de chegada, o Desterro se transformará em prenúncio de novo desígnio. Alguns não verão sequer os sinais da terra mal prometida e Gaspar de Fróis intimamente se recrimina de cada vez que não consegue afugentar dos corpos a asa mortal da doença. Inúteis os livros, inútil a ciência perante a imensidão da miséria humana!

No final, quando as máscaras caírem e o logro do Império se revelar na sua nudez total, eles hão de lançar-se uma vez mais ao encontro do incerto. Enfrentarão climas funestos, desbastação florestas, enterrarão as mãos no solo e com raiva hão de arrancar-lhe as raízes que vencem a fome. E erguerão a frente para afirmar que todos esses trabalhos são nada, quando comparados ao abandono e à perfídia do Reino.

Um dia, nas casas térreas com janelas de guilhotina, eles verão chegar a bandeira do Divino, ao som de cantorias vindas de um tempo sem fundo. E, alongando o olhar sobre o

mar, sonharão com navios intangíveis, em cada viagem naufragados. Porque não há regresso possível, como bem notara o médico Gaspar de Fróis, cronista da partida, ao assinalar-lhes a inquietação como doença e a errância como destino.

Nota: Gaspar Frutuoso (1522-1591). Nasceu em Ponta Delgada e frequentou a Universidade de Salamanca, onde se terá doutorado em Teologia. Autor de Saudades da Terra, crónica que aborda os arquipélagos dos Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde na perspectiva de um espaço único atlântico.

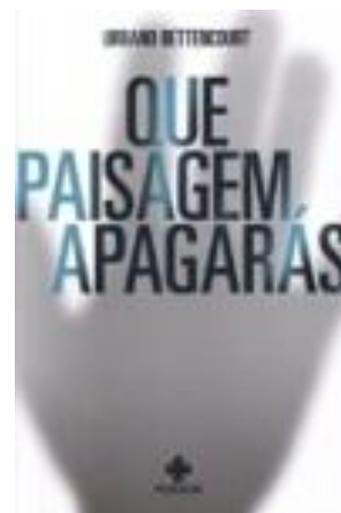
Gaspar de Fróis. Personagem de Um quarto de légua em quadro, do escritor gaúcho Luiz Antônio de Assis Brasil, romance que tematiza a viagem dos “cazaes” das ilhas para o sul do Brasil, em meados do século XVIII.



21º COLÓQUIO MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



21º COLÓQUIO MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



NAUFRÁGIOS INSCRIÇÕES

“? Algumas das palavras flutuam depois de mortas mas o vento as dissipa, lhes diseca a emoção de breves corpos sobre a margem. Entretanto simularás aqui a construção da frase língua a língua enunciada, o rumor do verbo no ventre das baías.”

(Naufregios Inscrições: 16)»

O GUARDADOR DE FREIRAS

Eu nunca guardei rebanhos
Alberto Caeiro

Muitos anos decorreriam antes que eu pudesse libertar-me da imagem que me ocorreu quando, pela primeira vez, ouvi falar do Curral das Freiras. Fosse por influência da imaginação infantil, fosse por outra razão que agora não descortino, o facto é que, para mim, um curral de freiras devia assemelhar-se aos currais de vinha picoenses, com os seus muros de pedra seca, frágeis, mas desafiando a instabilidade do solo e dos tempos. Lá dentro, as freiras viviam uma vida sem sobressaltos, entregues à contemplação das paisagens da alma e à confeção de irresistíveis doçarias. De tempos a tempos, eu abria-lhes

a cancela do curral e elas saíam no seu passo miúdo e saltitante, e enquanto **as** conduzia mansamente, tangendo-as com a minha agulhada sem ferrão, elas entoavam suaves cânticos de beatitude:

*O Senhor me conduz
Pelos prados verdejantes,
Onde corre o leite e mel
Que é sustento dos amantes.*

Por isso, quando decidi passar a lua-de-mel no Funchal, essa escolha pareceu-me perfeitamente inocente e integrada no curso natural das coisas, uma espécie de resposta ao apelo que um nome como “Curral das Freiras” continuava a lançar-me, com a sua estranheza e o seu mistério. Sei agora que devia ter suspeitado de uma motivação que associava o bucolismo das monjas ao tumulto de uma cama de hotel. Mas *on était jeunes, on était fous*, como dizia o Aznavour na canção dos nossos vinte anos, quem iria preocupar-se com a relojoaria secreta do mundo, o jogo perverso das suas coincidências? De resto, isso pouco adiantaria: afinal, tudo o que de bem ou de mal nos acontece aqui em baixo já estava escrito lá em cima, como afirmava um capitão de que nunca cheguei a saber o nome (e será que os nomes vos interessam?, perguntava Diderot) – a dificuldade está em decifrar a caligrafia dessa mão que traça os caminhos da vida e, às vezes, até escreve torto sobre linhas bem direitas. Como aconteceria, aliás, com o desfecho da minha viagem ao Curral das Freiras.

Antes disso, porém, já eu me internara pelo Funchal. Ao fim do terceiro dia de suor e sexo, comecei aos poucos a deixar o quarto do hotel e a avançar cada vez mais pelas ruas da cidade. Nelas me cruzei com os seus rostos precários, como são sempre aqueles que encontramos em cidades atlânticas, e me deixei vencer pelo ritmo de uma respiração balanceada entre o clima temperado marítimo e a melancolia vagamente africana. Acabei por render-me ao andamento e à agitação urbana da Avenida Arriaga, ao rumor das suas vozes estranhas sob um teto de jacarandás em flor.

Numa tarde em que fazia uma pausa no Café do Teatro, veio sentar-se na mesa ao lado da minha um homem de idade indefinível, de compleição rija, seco de carnes e enxuto de rosto ou, antes, de complexión recia, seco de carnes, enjuto de rosto, como eu viria a aprender mais tarde.

Depois de uma água sem gás e da leitura entrecortada de *El País*, pediu-me emprestado o *Jornal da Tarde*, a pretexto de uma informação sobre o horário das viagens para Porto Santo. Dos imprevisíveis rumos da conversa já eu conhecia o suficiente para não me admirar com o facto de duas horas depois estar a par da vida de Federico M. Quesada,

contada num espanhol marcadamente arcaico e salteado de português e a que eu corripondi com um portunhol de primeira água, dando assim o meu contributo civilizado para uma futura união ibérica (linguística, posterior à económica).

Ele era, afinal, uma espécie de cavaleiro andante dos congressos, viajava de terra em terra para assistir a eles. Do seu vasto currículo constavam ilhas tão remotas como a Baratária e a Malindrânia e países mais vagos que os do poeta Roberto de Mesquita, que eu nunca hei de ver nem sei onde se ocultam. Tanto se enfrasara de comunicações, conferências y ponencias, e de tal modo a imaginação se lhe inflamara com o que nelas ouvia — desafios e batalhas verbais, encantamentos e requebros, enricadas razones y disparates imposibles — que descuidara o governo da casa e a administração da fazenda, alimentando o sonho de vir a tornar-se um conferencista a tempo inteiro. E imaginava mesmo o dia em que um erudito despeitado, depois de ouvi-lo discorrer demoradamente, citaria Bertolt Brecht para afirmar que as novas antenas continuam a difundir as velhas asneiras. Mas, por enquanto, não passava de um simples aprendiz, apesar das centenas de colóquios e simpósios a que assistira e o tinham obrigado a desfazer-se de terrenos de cultivo e lotes urbanos a fim de fazer face às despesas. Yo soy el Quijote de los congresos, gran madrugador y amigo da caça intelectual, repetia, com um sorriso entre o enfático e o irónico. Por essa razão se encontrava no Funchal, onde na véspera assistira, entre outras, à conferência de um escritor seu patrício sobre Literatura e Espionagem. E apontava-me, no *Jornal da Tarde*, um resumo que era, ao mesmo tempo, a confirmação das suas afirmações. Por delicadeza, evitei perguntar-lhe se ele não estaria a tentar fazer-se passar por parente, embora afastado, de uma personagem de Enrique Vila-Matas e pus-me a ler o texto que me indicara.

A reportagem aparecia, efetivamente, na página cultural do jornal e, alternando a síntese com a citação, dava conta da muito aguardada comunicação de um escritor catalão, de cujo nome no quiero acordarme. Na perspetiva do conferencista, o escritor de ficção é um espião que circula por entre os homens, observando-os atentamente e captando os seus traços peculiares, antes de se isolar para construir aquele que será o seu ponto de vista sobre a sociedade. E citava François Mauriac e Vitorino Nemésio, para dizer que “todo o escritor de ficção foi um espião disfarçado na infância e na adolescência”, e precisa de continuar a sê-lo ao longo da vida.

Talvez essa ideia da observação orientada e persistente fosse o pretexto que me faltava para tomar uma decisão. O facto é que, no dia seguinte, eu estava no miradouro sobranceiro ao Curral das Freiras, atento ao menor sinal que da povoação me chegasse. Que esperavas tu? Um cortejo de freiras em fila indiana, comandadas pelo confessor de serviço e entoando no fundo de um abismo os cânticos eróticos de Salomão? Francamente... Durante sete dias e sete noites ali permaneci. Rebanhos de turistas chegaram e partiram depois de se

fotografarem uns aos outros de ângulos perigosos e em atitudes instáveis, que dariam a observadores futuros a ilusão de estarem já em queda livre sobre o vazio. De freiras, nem o menor sinal. Apenas, de tempos a tempos, um vago latido de cão ou o canto destemperado de um galo. E sobretudo o eco abafado de vozes humanas, a linha melódica de alguns cantos magoados e monótonos que acompanhavam os trabalhos diários no campo, antes de a noite reduzir tudo ao silêncio.

Quando regresssei ao hotel, o meu nome não aparecia nos registos informáticos. Algum problema técnico? Não, senhor Machado, o nosso sistema está acima dessas contingências ou da esperteza dos *hackers* – e a rececionista enfatizava a fonética inglesa do último termo. Dos ficheiros manuais também não constava qualquer Manuel Machado. De Maria Teresa, nenhum rasto: nunca se hospedara naquele hotel. Que maldição caíra sobre nós e nos deixava sem passado nem presente?

Estou sentado nesta esplanada da Avenida do Mar, onde acabo sempre por entregar-me a divagações imponderáveis. Na minha frente, o delicado sumo de manga que vou bebendo pausadamente e em cujo aroma vibram ainda cheiros e imagens difusas de África. Um *rapper* com pronúncia tropical vai ritmando as suas frases incisivas, delas retendo fragmentos dispersos, “há mais vida para lá do défice, olá se há, ó pá” e ainda “o polvo unido jamais será comido”. Um navio atravessa a baía, rumo ao Porto Santo. Continuo tão solteiro como no dia em que minha mãe pousou em mim os seus olhos macios do parto e creio ter já perdido a sessão inaugural do Colóquio “Arquipélagos do Desejo”. E, à semelhança de Caeiro, nunca guardei freiras.



FERNANDO ÁLVARES EVANGELHO E O CÃO DA ESCRITA

No filme de Robert Zemeckis *Cast Away - O Náufrago*, em português - há um momento em que Chuck Noland, o protagonista (sobrevivente de um acidente aéreo sobre o Pacífico e atirado para uma ilha de que se torna o único habitante), olha para as manchas de sangue por ele próprio deixadas numa bola de vólei e consegue ler nelas os traços que, de modo grosseiro, configuram um rosto humano. Depois disso, a bola (ou o rosto) receberá o nome de batismo de Wilson e tornar-se-á o interlocutor, melhor dizendo, o confidente do protagonista nesse demorado processo de luta pela sobrevivência física e psicológica e de procura de caminhos que lhe permitam o regresso à civilização.

É certo que a história de Chuck Noland, engenheiro e funcionário de uma empresa norte-americana e encarregado de "acudir" aos problemas da sua área profissional nos mais diferentes pontos do planeta, não deixa de ostentar como forte componente ideológica um otimismo hoje historicamente datado, de quando ninguém ousaria sequer admitir como hipótese que a globalização, enquanto expressão eufemística da dominação tecnológica e da livre circulação de um capitalismo desenfreado, pudesse por arrastamento conduzir também à pura irracionalidade do terror global, como o 11 de setembro veio demonstrar de forma tão brutalmente eficaz. Mas nesta transposição de *Robinson Crusoe* para os tempos modernos (subsidiária talvez da vaga ecológica e de algum impropriamente chamado "reality show" televisivo) o que se deteta ainda é o rasto do lugar que as ilhas têm ocupado no pensamento mítico ocidental, desde as mediterrânicas que pontuam o percurso errático de Ulisses até àquelas com que o imaginário medieval pretendeu povoar o Atlântico, adensando o seu mistério e segredos quando, pelo contrário, julgava esclarecê-los. E projeta-se do mesmo modo essa outra imagem cultural e literária, marcada por uma forte nostalgia das origens, que vê na ilha o reduto último da humanidade, o espaço onde se poderá reviver ilusoriamente o tempo fabuloso dos começos; enquanto modelo reduzido de um mundo de que é, ao mesmo tempo, a imagem afastada e diferente, a ilha tem-se constituído, de facto, uma espécie de espaço experimental em que o homem pode ser posto à prova nas suas capacidades e limitações, em situações de isolamento que, simultaneamente, propiciam o contacto perdido com a Natureza e simulam o regresso a um mundo primordial anterior à história e aos seus traumas (ou então, em sentido inverso, concretizam o modelo ideal de realização histórica, como acontece em *A Utopia*, de Thomas More).

Ora, de *Robinson Crusoe* a Chuck Noland, o que as diferentes modalidades narrativas põem em evidência é a necessidade imperiosa da presença do outro como fator de comunicação e diálogo: chame-se ele sexta-feira ou Wilson, em qualquer dos casos se afirma que a sobrevivência do homem é também resultante da sua capacidade de projetar-se para além de si através da atividade simbólica em que a linguagem se inscreve. Atividade

duplamente simbólica, aliás, no caso de Noland, pelo expediente a que lança mão para vencer a solidão e o isolamento, termos que consubstanciam, afinal, a expressão da experiência humana em ilhas: "tomo aqui a palavra "isolamento" no seu sentido etimológico: solidão de ilha. Um homem numa rocha e em volta o mar" - escreveu Vitorino Nemésio, um escritor que neste ano de centenário do nascimento deveria merecer por parte do Pico e das suas instituições culturais e educativas um pouco de atenção e, ao menos, um aceno de evocação, pelo lugar que lhe cabe como escritor maior da Língua Portuguesa e, mais particularmente, pelo modo afetuoso como o Pico e os picarotos ficaram para sempre registados na sua obra, desde O Açoriano e os Açores (1928) até Sapateia Açoriana (1976), passando por Mau Tempo no Canal (1944) e por Corsário das Ilhas (1956).

A necessidade desse outro que assinala a fronteira do silêncio e do isolamento, já a deixara expressa Frei Diogo das Chagas no seu Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores, num fragmento que constitui a proto-narrativa do Pico, texto fundador da história humana da Ilha e por isso das Lajes também:

"O primeiro homem, que se pratica por certo auer entrado nesta Ilha pera a pouoar foi hum Fernando Áluerez Euangelho, o qual uindo a buscar a tomou polla parte do Sul, e uindo no barco busca la costa (sic) saltou em terra aonde se diz o penedo negro, e com elle hum cão que trazia, e o mar se leuanteu de modo que não deu lugar a ninguem mais saltar em terra, e aquella noite se leuanteu uento, do modo, que a carauella ao outro dia não appareceo, e elle se ficou na Ilha com o seu Companheiro o Cão; e nella esteue hum anno sustentando se das carnes dos porcos, e outros gados brabos, que com o cão tomava (que como o Infante quando as descobrio em todas mandou botar gados, auia nellas, quando depois se pouoarão muita multiplicação delles). No cabo do anno tornarão os Companheiros a buscar a Ilha polla mesma parte, e uindo com melhor maré, e como elle já estaua pratico na Costa emcaminhou os pera o porto, aonde agora he a freguezia das ribeiras em que saltarão, e se festejarão como conuinha tratando de sua pouoação logo por esta parte, sen (sic)"

Nesse ponto difuso em que o facto histórico se cruza com a lenda, o discurso do cronista convoca em seu auxílio os ingredientes necessários à mitificação do herói-fundador, à construção de um ambiente de obstáculos e aventura, de desafio à capacidade humana e, finalmente, a afirmação de um triunfo que é também a expressão da pertença a um novo território e do início de uma outra história. Alguns desses elementos efabulatórios, enquadráveis nalguma ficção narrativa do século XVII, não escaparam a Lacerda Machado que assinalava a função de intensificação dramática desempenhada pela referência ao tempo (um ano) passado por Fernando Álvares Evangelho sozinho na Ilha. A mim, interessa-me sobretudo a presença desse cão a que poderia caber o simples papel de caçador ao

serviço do desbravador de espaços e segredos, mas que o cronista preferiu designar por "companheiro", num registo mais afetuoso, mais humano também: aí estará, creio eu, o outro de que Fernando Álvares Evangelho precisou para enfrentar os mistérios da Ilha e os anjos perversos da solidão (e, convenhamos, um cão será sempre um interlocutor muito mais afetuoso do que uma bola de vólei).

Se nesta deriva recuei até ao texto do século XVII, fi-lo também por me parecer que a imagem de um homem com o seu cão sobre o espaço intocado de uma ilha traduz a realidade mais profunda daquilo que constitui o objeto da tarefa que me foi proposta: a escrita e os escritores de algum modo vinculados ao espaço geográfico, cultural do Concelho das Lajes. No modo como cada escritor enfrenta o mundo e o organiza verbalmente, há, na verdade, qualquer coisa de momento originário, de desafio e aventura, de afrontamento do incerto, em que o deslumbramento da criação e do novo não chega para anular o sentimento de solidão e desamparo: em cada ato de escrever há um Fernando Álvares Evangelho isolado do mundo, abandonado pelos outros sobre uma ilha desconhecida e na única companhia do cão da escrita - desse lugar nos fala ele de ilhas que são mundos e de continentes que são ilhas, umas e outros presentes na ilha em que cada texto se torna e sobre a qual nós, leitores, nos afastamos voluntariamente do mundo para o podermos descobrir nas palavras que no-lo dizem e revelam. Por isso, falar de escritores, e particularmente neste caso concreto, é tentar detetar o modo como cada um deles estabeleceu a sua relação com a escrita e nesse ato de dizer-se acabou por inscrever na sua fala o registo do seu olhar sobre si e sobre o mundo.

Essa voz que na escrita se constrói como forma de romper o silêncio é o que nos revela o poema inaugural do Livro da Alma, de Bernardo Maciel (S. João, 1874-1917). Dotado de uma função programática e explicativa habitualmente atribuída ao paratexto prefacial, esse poema, do qual o livro recebe o título, torna evidente a íntima relação entre texto e vida, num continuado jogo metafórico que estabelece a analogia entre esses dois polos, ou seja, a obra como projeção concreta (ainda que transfigurada) do universo dos afetos e vivências. Ao mesmo tempo, acentuando a natureza de um diálogo íntimo e exclusivo entre autor e texto, o poema acaba por fornecer ao leitor uma conceção do poeta como "eleito", o único capaz de aceder ao conhecimento das coisas para lá das suas evidências de superfície - conceção que interessa sobremaneira para situar Bernardo Maciel no devido contexto literário.

Pesa sobre a obra de Bernardo Maciel a força de qualquer mau-olhado que impediu que até hoje fossem publicadas os seis livros que em 1916, no Livro da Alma, o autor anunciava como "concluídos e prontos a imprimir", entre eles quatro livros de poemas. Por isso, as minhas anotações não são mais do que o resultado do meu contacto com os textos desse

único livro vindo a público e ainda com alguns inéditos (cerca de doze) dados a conhecer em 1938 por Ruy Galvão de Carvalho num artigo em que abordava a obra do poeta picoense.

Há nestes "versos da mocidade" - subtítulo dado por Bernardo Maciel ao seu livro - uma difusa tonalidade romântica que bebe nas fontes populares algumas das suas imagens e representações, num tom de singeleza que faz pensar em Augusto Gil, mas tocado, noutros casos, por um evidente pessimismo de fim-de-século e passando de raspão pela sombra de Antero de Quental ("Só", pp. 43-45):

*Árvore nua, dorida,
Morres só, meu coração.
Folhas verdes – esperanças -*

*Arrancou-as o tufão...
E nos ramos desolados
D'onde caíram as flores,
De um céu d'além mudo e triste
Vêm poisar bandos de dores.*

(...)

*Porque não te encontra nunca
O meu coração errante,
Ó palácio da Ventura
Encantado e distante!
Nos teus jardins, junto aos lagos,
À luz do entardecer,
Queria amar e sonhar...
Sonhar sempre até morrer...*

E do mesmo modo que nos deparamos com pequenos e realistas quadros rústicos ("No Mato", por exemplo), também detetamos já os sinais de um simbolismo ainda incipiente, mas que dá mostras de grande maturidade nos poemas revelados por Ruy Galvão de Carvalho e que, a confirmar-se como a dominante estética de Bernardo Maciel, fará do poeta o elo que faltava para fechar o arco simbolista que vai de Roberto de Mesquita, nas Flores, até Humberto de Bettencourt e Duarte Bruno, em S. Miguel.

Poeta de um livro só e que a Filosofia viria a monopolizar em definitivo, José Enes (Silveira, 1924) reuniu em Água do céu e do mar (1960) uma coletânea de poemas escritos entre 1946 e 1960, distribuídos por duas secções que correspondem a dois grandes núcleos temáticos,

indiciados até pelos respetivos títulos: "Incomparável amor" e "Sempre o mar e a mesma terra".

Na primeira delas, o discurso poético constitui-se o registo de uma voz inquieta que se interroga e questiona a sua relação, talvez antes, a sua resposta a um apelo divino; voz dramática num diálogo com o Outro/Deus em que a cada passo o homem reconhece a sua condição humilde de pecador: a poesia torna-se por isso, e não raras vezes, a expressão de um desejo de purificação e ascese, ou então, noutros casos, o testemunho do encontro com Deus através do mundo e das coisas, num tom a que não será alheia uma vaga inspiração franciscana (veja-se "Presença", p. 18-19).

Já na segunda parte, "Sempre o mar e a mesma terra", reduz-se essa ostensiva exposição do sujeito poético, digamos que o "eu" da enunciação apaga consideravelmente a sua presença ao nível do discurso para deixar-nos o registo de uma vivência do espaço-tempo ilhéu que, sem anular a sua vinculação subjetiva, pretende constituir-se, mesmo assim, na sua formulação abstrata e tendencialmente objetiva, a expressão da insularidade açoriana nos seus condicionalismos geo-históricos: tópicos como o tempo suspenso ou a imobilidade física traduzem o modo de apreensão e perceção estéticas da realidade da ilha enquanto espaço bloqueado e bloqueador também dos anseios individuais.

A insatisfação e a consciência dos limites, exprimindo-se em simultâneo com um anseio de libertação que o ilimitado dos horizontes propicia e intensifica (e constituem o sinal de uma forte consciência insular), marcam a última parte do livro de José Enes e enquadram-no perfeitamente nas tendências poéticas dominantes na literatura açoriana dos anos cinquenta, onde é detetável a lição dos modernismos portugueses, filtrados em parte pela ótica do modernismo cabo-verdiano. No caso de José Enes, acresce ainda a adoção de um rigor expressivo de natureza "clássica" que de modo natural convive com os modelos da poesia popular, numa adequação de processos e tom que permite situá-lo com toda a justiça entre a Festa Redonda (1950), de Vitorino Nemésio (descontando-se, é óbvio, a "deturpação prosódica" do terceirense), e Eu fui ao Pico piquei-me (1980) do também poeta terceirense Álamo Oliveira.

A poesia de José Enes é hoje, felizmente, mais conhecida, graças ao poema que por aí circula depois de em oportuna e felicíssima hora ter sido musicado por Emílio Porto - "Montanha do meu destino", um texto não incluído no livro e que me surpreende pela frescura e originalidade com que aí se escreve a marca que a Ilha imprime no mais íntimo de nós como traço indelével; mas não resisto a transcrever aqui algumas quadras das "Cantigas a Nossa Senhora da Guia" que encerram o livro de José Enes e onde manifestamente se revela o modo sábio como o autor aproveita a lição da tradição oral, numa proximidade de tom e de afetividade que não esconde, em qualquer caso, o trabalho de reelaboração autoral na busca de uma imagética original e particular:

Nossa Senhora da Guia,

*a quem menino rezei,
Vossos olhos são as uvas
da videira que plantei.*

(...)

*Nossa Senhora da Guia,
que gostais de vinho mosto,
quero dar-Vos a alegria
de viver a Vosso gosto.
Nossa Senhora da Guia,
lisinha como os calhaus,
o Vosso manto é mais fino
que as penas dos garajaus.*

Expressão poética de uma relação do homem com Deus, em pública afirmação de um compromisso aceite em resposta a um chamamento divino, é o que igualmente encontramos em Salmos da minha Saudade, do Pe. J. Pereira da Silva (S. João, 1892-1974), e em Hora de Tércia, de José Carlos, nome literário do Pe. José Carlos Vieira Simplício (Almagreira, 1937), embora diferentes pressupostos e circunstâncias enformem os dois livros, publicados ambos em 1965.

No caso de J. Pereira da Silva, trata-se de uma intromissão única no campo da poesia, a pretexto da celebração de meio século de sacerdócio, o que ajuda a compreender, por um lado, o tom celebrativo e a envolvimento religiosa, íntima dos seus textos e, por outro lado, a presença indelével do tempo com as marcas deixadas pelo seu curso imparável. A escolha do soneto como género poético exclusivo, com os seus processos formais rigorosos, favorece a solenidade deste canto jubilatório, uma solenidade que não andarão afastada das suas reconhecidas qualidades de orador sacro; por aí se situarão também as alusões e as epígrafes de proveniência bíblica, os títulos colhidos no campo religioso, a recuperação de tópicos da cultura hebraica, que constituem os sinais de um lastro de erudição e, mais do que isso, configuram uma visão do mundo moldada pela presença do divino, mesmo até na "construção autobiográfica" como projecção pessoal de situações evangélicas (veja-se o poema "Paternidade Fraternal", p. 19). E se o livro constitui um canto jubilatório, de ação de graças, ato de partilha também com amigos e familiares, que as dedicatórias tornam mais expressivo, essa presença do divino permite ao poeta evocar o passado, a ilha da infância com uma tranquila nostalgia, mesmo quando nesse olhar retrospectivo se perfilam as sombras e os desgostos acumulados ao longo do caminho percorrido.

Hora de Tércia, de José Carlos, vem na sequência de Murmúrios dos meus quinze anos (1953) e é nitidamente um livro matinal, naquilo mesmo que o próprio título simbolicamente já anuncia através da referência temporal de notação canónica (nove horas da manhã). Aquilo que em J. Pereira da Silva era retrospectiva e balanço, torna-se aqui canto de começo e de promessa: afirmação luminosa de resposta a um chamamento e de entrega a uma missão livremente aceite, como tão bem o exprime o poema "Sim" (p. 17):

*Passaste, Senhor...
E o teu olhar
longo e suave
a luz em mim
fez despertar.*

*Passaste, Senhor,
para dizer
de tanto amor...*

*Palavra assim
não sei de haver!
Passaste, Senhor,
e eu lá segui
tangendo a harpa
do coração
atrás de Ti.*

Mas esta entrega, que supõe sempre a purificação e o despojamento interiores, não impede o poeta de olhar para o mundo exterior nem de fruir esteticamente o espaço e os pequenos momentos e objetos do quotidiano, sejam eles o "caminho da minha aldeia" ou uma ermida abandonada, numa atitude de des-velamento dos seus mistérios e sentidos invisíveis - como ocorre no poema "Momento" (p. 41).

É um livro matinal também na liberdade criativa com que aí se perseguem as formas e os modos expressivos mais adequados à construção de uma voz poética individualizada: da irregularidade métrica, estabelecendo súbitos contrastes de movimentos lentos e bruscos, ao alongamento discursivo associado ao verso livre de pendor descritivo e reflexivo; da diversidade estrófica à adoção de modelos fixos cuja normatividade se atenua e dilui, por vezes, na leveza rítmica do texto (vejam-se, por exemplo, os poemas "Sim" e "Convite"), passando ainda pela procura de repertório de imagens próprias - eis alguns dos traços que em Hora de Tércia assinalam uma nítida intenção estética e a busca da modernidade literária.

Por meados dos anos cinquenta, iniciava Dias de Melo (Calheta de Nesquim, 1925) uma obra que, pela pluralidade de perspectivas e de modos de aproximação, constitui hoje a mais complexa abordagem do universo baleeiro picoense, mais particularmente do que se reporta à Calheta de Nesquim.

Estreando-se no campo da poesia com *Toadas do Mar e da Terra* (1954), Dias de Melo deslocar-se-ia depois para o domínio narrativo com um livro de "crónicas romaneadas", *Mar Rubro* (1958), em que a vertente testemunhal, informativa era já atravessada por um forte pendor narrativo que se assumiria plenamente em *Pedras Negras* (1964) e em *Mar pela Proa* (1976).

Com eles começava a erguer-se um universo ficcional que, salvo raras exceções pontuais como, por exemplo, as de *Cidade Cinzenta* (1971) ou mesmo *O Autógrafo* (1999), se tem pautado por uma fidelidade ao mundo rural e marítimo picoense, fidelidade detetável não apenas na permanência de uma temática dominante, mas também no modo como o narrador, mesmo quando afastado dos acontecimentos, não deixa de manifestar a sua empatia, mais do que isso, a simpatia para com as personagens socialmente desprotegidas, vítimas da prepotência dos poderes dominantes, da insensibilidade de outros e das forças incontroláveis da natureza insular.

Dentro desta perspectiva, *Pedras Negras* (que ano após ano continuo a trabalhar com os meus alunos de Literatura Açoriana) constitui uma narrativa nuclear e de síntese na obra de Dias de Melo, pelo modo como configura esse mundo de conflitos vários em que a experiência presente e o medo do futuro antevisto na memória do passado expulsam o homem da ilha, lançando-o em demanda do paraíso americano, que só conhecerá depois de provar o seu inferno: representação da vida no final insular no final do séc. XIX, a baleação e o seu papel desencadeador da imigração para a América do Norte, a aprendizagem do mundo entre a competição feroz, a desumanidade e a solidariedade também, o sucesso material, enfim, proporcionado pelas "califónias perdidas de abundância", com um regresso que será a confirmação desse mesmo sucesso e um ajuste de contas final em que a ilha de novo imporá a sua vontade inexorável e destrutiva - tudo isto se polariza na personagem de Francisco Marroco, através de quem se manifesta uma visão trágica da vida insular, ao mesmo tempo que, e numa perspectiva mais abrangente, se congregam em *Pedras Negras* os grandes elementos da Narrativa Açoriana, os seus fluxos humanos e as representações de um imaginário coletivo, reconhecidamente muito mais voltado para oeste, por razões que a história terá dado a conhecer ao coração...e ao estômago também.

Dias de Melo, porém, não esgota o assunto na sua ficção literária: retoma-o sob outra perspectiva em *Vida vivida em terra de baleeiros* (1983): aqui, articulando a evocação com a documentação, a pesquisa e o testemunho, deixa-nos um conjunto de informações valiosas para o historial da baleação no Pico durante cerca de um século, isto é, o período que vai da fundação da primeira armação até à fase de reconhecido declínio e posterior e desaparecimento final da atividade. E acabaria por voltar a ele, inevitavelmente, nessa inestimável obra que é *Na Memória das Gentes*, em cujos seis volumes um quotidiano picoense ainda não demasiado distante é trazido ao nosso conhecimento pela viva voz dos seus próprios artífices, as gentes do mar e as da terra, compondo um painel riquíssimo de informações e vivências, numa espécie de história emotiva e fragmentária de que o poder político da altura atempadamente reconheceu a importância, ao incumbir o escritor de realizar esse trabalho de recolha e registo e ao proporcionar-lhe condições para levá-lo a cabo. Histórias da baleação, da construção naval também, memórias de um tempo de abandono, de penúrias em terra e perigos no mar, cruzam-se nesta obra que consigna ainda um acervo de matéria etno-antropológica e o registo linguístico de uma fluência oral bem como, no último dos livros, um repertório de narrativas populares, contos e episódios integrantes desse universo de efabulação e mistério que o imaginário popular foi construindo e transmitindo ao longo do tempo.

É também no âmbito desse imaginário e da sua preservação que se enquadra o livro *Açores - lendas e outras histórias* (2.ª ed., 1999) organizado por Ângela Furtado-Brum (Calheta de Nesquim, 1952), embora com um propósito muito mais abrangente, dado que o registo efetuado se reporta às nove ilhas do arquipélago. São duzentas e quarenta "lendas e outras histórias", vinte e oito delas referentes ao Pico, e que constituem o lastro de uma narrativa oral em vias de desaparecimento, mas parte integrante de um património simbólico, também ele construído pelos séculos fora, embora menos visível que o outro, de pedra e cal. Essas histórias traduzem a necessidade de tudo explicar, de a tudo dar um sentido, desde os nomes de lugares aos templos, aos fenómenos naturais e práticas sociais, e dizem-nos que, afinal, tudo tem uma origem e se liga a uma história cujo sentido ou valor de exemplaridade se projetam transtemporalmente; no fundo, e como alguém já disse, a lenda "pensa e informa o espaço, satura-o de tempo e incorpora-lhe a história" e deste modo contribui para uma "intensificação da percepção da terra natal".

Num outro domínio do imaginário se situam algumas obras de Conceição Maciel (S. João, 1946), como *A Uva Mágica* (1999) e *A Ilha Mágica* (2000), que integram o campo da literatura infantojuvenil, sem grande tradição nos Açores, embora me ocorram, por exemplo as *Munhecas de Florêncio Terra* e, mais recentemente *As Histórias da Lita*, de Natália Almeida.

Aproveitando as virtualidades e as dinâmicas processuais do conto maravilhoso, mas introduzindo-lhes já os sinais de alguma modernidade, Conceição Maciel configura nesses dois livros um quotidiano rural ainda próximo e familiar no qual o maravilhoso irrompe de forma absolutamente natural (como é regra, aliás) e vem dizer-nos que qualquer ilha pode ser mágica, desde que acreditemos no poder criador da palavra e na necessidade de sonhar ("é preciso regar os sonhos", escreve-se num dos contos).

Embora, é certo, talvez haja (há mesmo de certeza) ilhas mais mágicas do que outras, particularmente aquelas que se tornaram o nosso forro íntimo e a que se regressa pela palavra para recuperar um tempo de que nos distanciamos: mas estes são contos de outras escritas, as de O casaco de baeta (2001), por exemplo, ou então as de Maregeia (1999), em que a contista envereda pelo lirismo para exprimir a verdade sentida de uma ilha já ao longe e cujos sons repercutem ainda na diversidade rítmica de uma poesia seduzida pelo andamento do velho romancista e nisso inscrevendo a complexa teia de aspirações e anseios, libertação final ("Sonho", p 61):

*O meu sonho era tão lindo
Nascera à beira do mar
Tinha pássaros tinha lua
E tinha gaivotas no ar
Tinha ondas tinha praias
Salpicadas de luar
Uma menina de tranças
Dançava ali com o mar
Tinha rochas muitas rochas
Cantarolando a chorar
Ou talvez fossem as ondas
No seu lento marulhar
Quis agarrar a menina
Não se fosse ela afogar
Apanhei uma gaivota
Que se escapou a voar.*

À distância fala também a figura feminina que se ergue no interior de Permanências (1992), de Judite Jorge (Pontas Negras, 1965), para, a partir das margens de um Tejo tacanho e já sem naus, recuperar o tempo insular da infância e adolescência: contraponto ao presente fechado de Lisboa, a ilha permanece, impõe-se a Júlia como o centro da sua vida, embora o afastamento não apague de todo os traços de um tempo amargo e ácido (início dos anos setenta), marcado pela circularidade dos dias, mas cujas arestas se diluíam de algum modo na imensidão do mar aberto. Retrospectiva em que Júlia vê passar a sua

história de amores e desencontros, expetativas e desencantos, é ainda o retrato de um quadro picoense de forte ruralidade, vivida num ambiente de proximidade humana e social. Como o é também, e por maioria de razão, o desse universo em que se move Maria Jorge (Afetos de Alma, 2001), num tempo em que a América ainda lhe não dera o nome de Maria Polley, além de afetos e deceções várias. Recuperando à realidade histórica alguns dados e a figura de mulher que ocupa o centro da ação, esta narrativa de Judite Jorge investe no tema da emigração para a América e recobre ficcionalmente um período de tempo que vai de finais do século dezanove até aos anos setenta do século seguinte: refiguração do microcosmos rural das Pontas Negras e da experiência californiana posterior, aí se inscreve o vaivém ou a circulação entre a ilha e a América, ao nível da realidade narrativa, mas também no plano de um imaginário coletivo que obsessivamente se alimenta da imagem dessa terra da abundância como contraponto a um quotidiano de pobreza, coisa que, numa outra metodologia de aproximação, vem confirmada pelo trabalho de Manuel Armando Oliveira

E se em Afetos de Alma o investimento temático se afigura como um dos mais recorrentes da literatura açoriana, merecem aqui destaque, entre outras coisas, a centralidade da personagem feminina, num lugar usualmente ocupado pelo homem, e ainda o seu perfil positivo que contrasta com os estereótipos negativos e com o olhar enviesado que algumas obras lançam não apenas sobre a "americana", mas sobre a mulher em geral. E é disto que, numa perspetiva já analítica, nos dá conta o livro Imagens de Mulheres (2000), de Maria de Jesus Maciel (S. João, 1946): estudando um corpo de adágios açorianos e os contos de Dinis da Luz, a autora centra a sua observação na problemática da construção e modelagem da figura feminina e deteta aí um núcleo ideológico comum, a questão do amor, perspetivado sob diferentes ângulos, mais abertos uns, outros mais condicionados por pressupostos de natureza ético-religiosa, e em que não é difícil detetar as marcas socioespaciais e temporais.

Neste contexto de escritas femininas, de referir ainda Cisaltina Martins Cardoso, picoense que o acaso fez nascer no Faial (1942) e autora até agora de um único livro, Poemas de basalto e solidão (1989). Se há nos seus poemas uma voz que irrompe de modo afirmativo (e não apenas na secção intitulada "Mãe-Mulher") para enunciar a sua condição de mulher, num tom de "ufanismo" que é ao mesmo tempo o sinal de uma liberdade assumida perante o mundo, também é certo que, por vezes, dessa voz se desprende um fio de solidão e um sentimento de abandono; e mesmo quando os poemas deixam à evidência os traços circunstanciais da sua gênese, como nas sequências "Do basalto e de outros lugares" e "In memoriam", é igualmente possível detetar aí a oscilação entre o polo diurno, solar da primeira delas e o tom pungente da segunda, onde o belo e tenso poema dedicado à memória de António Duarte é, para além de manifestação de amizade dorida, o testemunho das marcas irreparáveis do tempo.

De tempo, mas daquele que vai fluindo e desaparecendo nas margens da vida e que a palavra tenta suspender, nos falam as crónicas-evocações reunidas em *Viver o Pico* (2000), de Geraldo Soares (Piedade, 1927) e também as narrativas de *O Trevo de Quatro Folhas* (1983), de Hélder Melo (Santa Cruz das Ribeiras, 1932) e de *Fragmentos da Memória* (1993), de Fernando Melo (S. João, 1932).

No primeiro caso, o registo descritivo serve a composição de uma diversificada galeria de figuras picoenses, pontuada por alguns apontamentos de natureza factual, umas e outros muito próximos ainda pela afetividade com que são evocados na prosa do cronista. Nos outros dois casos, a memória alimenta a dinâmica narrativa, entre o puro evocado e o refigurado ficcionalmente, numa propensão mais extensiva em Hélder Melo e a que não falta a deriva de algum léxico precioso em demasia, e bastante mais sóbria e contida nas narrativas de Fernando Melo que, na sua aparente fragmentação e autonomia de superfície, compõem um percurso de vivência(s) no Pico até ao salto para a ilha vizinha, um salto que marca ao mesmo tempo a passagem a uma nova etapa da vida. Cruzam-se nestas obras as vozes e os perfis de gentes e ainda os sinais de um tempo que, para o melhor e para o pior também, os dias presentes vão diluindo e a memória envolve num afetuoso tom de melancolia e cumplicidade.

O mesmo tom de cumplicidade pode ser detetado em *Deserto de todas as chuvas* (2001), de Sidónio Bettencourt (S. Miguel, 1955), picoense por razões de escrita e reivindicação de raízes familiares. Ao instituir a rua de baixo como o seu microcosmo de referência (não é necessário que todos os "condados" tenham a dimensão do de Faulkner), o autor faz convergir nele os traços de um universo lajense (e, por extensão, insular) de relacionamentos humanos que a precariedade e as contingências da vida tornam ainda mais íntimos, na festa e no luto, no medo e na euforia - num discurso marcado pela enumeração e a acumulação e tendendo à representação global desse mundo e à sua revelação. Noutros casos, porém, as imagens aí colhidas esbatem o seu valor referencial, desviadas já para um processo em que a voz lírica se faz ouvir perante o silêncio para dar-nos a conhecer um mundo interior tumultuoso, dividido entre as vivências do passado e as do presente, num discurso marcado pela força transfiguradora da subjetividade e de um manuseamento verbal que transformam o real evocado em pura matéria poética.

Aqui chegados, é tempo de dizer aquilo que restaria ainda fazer: em primeiro lugar, colmatar as lacunas, obviamente, e alargar a análise a autores cuja obra se quedou pelo simples registo jornalístico, sem recolha em livro. Seria caso para indagar dos poemas de Fernando de Castro (nascido nas Lajes e por acaso aqui falecido em 1923), alguns perdidos por revistas de Lisboa, onde se fixara depois dos estudos e onde foi um dos do círculo de

Fernando Pessoa, com quem traduziu livros espíritas para uma editora da capital (como refere Pedro da Silveira); seria caso também para inquirir da importância e qualidade literárias da sátira que Manuel de Ávila Coelho, sob o pseudónimo de Frei Pedro, publicou durante anos no jornal *O Telégrafo e ver*, por exemplo, até que ponto aí se prolonga (ou não) a lição do grande poeta satírico do século XIX, Manuel Garcia Monteiro, também ele com ascendência familiar no Concelho das Lajes.

E poderíamos mesmo avançar até ao campo da escrita emigrante para detetar o modo como de Artur Ávila e Manuel Macedo a Frank Gaspar se equaciona literariamente a relação com a Ilha e como a visão que dela se tem é ainda função de uma proximidade física e temporal ou, então, já traz em si os sinais de uma memória diferida, atravessada pelos sinais de outras aprendizagens e vivências culturais.

Estas seriam propostas para desenvolver talvez noutra ocasião, aprofundando até o sentido e o conteúdo daquilo que agora aqui se deixa registado, na convicção de que tão importante como o reconhecimento público é a partilha e a divulgação deste património cultural e simbólico que pela escrita nos foi legado.

S. JORGE SEM DRAGÃO, [1988; revisto em 1992] ("S. JORGE SEM DRAGÃO" in *O Gosto das Palavras III*. Lisboa, Edições Salamandra, col. "Garajau", 1999, pp. 9-10-13-14-16-17).

Entro por S. Jorge dentro em velocidade agora nitidamente refreada e pela primeira vez sem acostar: o avião encaixa-se quase milimetricamente nesta faixa de asfalto incrustada no terreno bravio da Queimada.

Das Lajes a S. Jorge vão apenas uns escassos trinta minutos, com a Graciosa esfumada ao fundo, à direita, e é impossível não pensar noutras viagens, as dos anos 60, quando os iates do Pico levavam seis horas e mais de Angra às Velas. O progresso trouxe-nos o comodismo e o conforto da rapidez, mas aboliu, inexoravelmente, o *sentido de viagem*, o seu aspeto durativo, proporcionado pelo mastigado e longo deslizar da ilha sobre os nossos olhos,

[...]

Chego, pois, a S. Jorge neste calmo começo de março.

[...]

2. Nas Velas, a sessão decorre de forma relativamente austera, numa das salas da Biblioteca Municipal dotada de valioso recheio, entre obras recentes e antigas, adquiridas e doadas, e onde me surpreendem, pela raridade, algumas que pertenceram à Biblioteca do Pe. Faria, oferecida ao Município.

[...]

6. S. Jorge é uma ilha com um significativo povoamento de altitude, sobretudo na costa norte. Mas é a uma freguesia rente ao mar que me prendo: a Urzelina fascina-me com o ar

dormente e harmonioso das suas casas majestosas, muitas delas acrescentando-se na empena em alpendres que parecem prolongar até ao exterior uma tranquilidade interior (ou antecipação ao interior o antigo cheiro das vinhas e dos laranjais em flor?); a cantaria em basalto, profusa, confere-lhes uma sobriedade notável e um porte distinto

[...]

8. A sessão na Câmara é aberta pelo Professor Nemésio Serpa, também ele um picoense da diáspora interna,

[...]

A sessão decorre agradavelmente, não apenas no aspeto quantitativo, mas sobretudo no ambiente, no diálogo que se estabelece entre a mesa e a assistência.

[...]

Já perto do fim, alguém me pergunta porque não escrevem os escritores, porque não escrevo eu sobre S. Jorge. É uma voz entre o terno e o tímido que me interpela e eu gostaria de ter o tempo suficiente (o tempo que aqui é tão compassado) para, depois de publicamente ter falado na escrita como uma paixão, explicar a esta mulher como é que para muitos de nós, forçados a buscar a sobrevivência (a subvívência) por outros expedientes, a escrita é quase uma espécie de contrabando, um ato de pirataria autopunitiva e devoradora; tempo para lhe dizer também que o que aqui deixo agora não é, de modo algum, uma resposta ao seu apelo, mas simplesmente o ordenar de algumas das impressões que me ficaram desta visita que não chegou a quarenta e oito horas, o alargamento de tópicos de circunstância, vários deles anotados no remanescente de um cartão de embarque da SATA.

[...]

9. Segunda-feira de manhã saio de S. Jorge. O Arquipélago fica em definitivo para trás. Qualquer dia fujo de S. Miguel.”

DOS AÇORES E DA SUA LITERATURA: ERRÂNCIA E PERMANÊNCIA”, [1996; 1998] (“Dos Açores e da sua Literatura: Errância e Permanência” in *O Gosto das Palavras* III. Lisboa, Edições Salamandra, col. “Garajau”, 1999, pp. 64-66-67-68-69-70).

– “A ilha poderá ser, antes de mais, esse espaço de estar (e ‘estar’ é muito mais verbo para ilhéu do que ‘viver’, escreveu Nemésio) e onde se assiste ao fluir do tempo dissolvendo contornos e arestas. Espaço demasiado próximo do corpo, dorido e doloroso também, constringedor e paradoxal nos horizontes ilimitados que deixa antever sem realizar, daí o confronto que na escrita se encena entre o efémero, a finitude da Ilha e o Absoluto como miragem do desejo, daí também esse jogo entre o perto e o longe, o concreto e o inatingível, que em Rui Duarte Rodrigues, por exemplo, deixa o inevitável rasto de uma subtil melancolia.

Há, pois, uma *visão de dentro* onde é igualmente possível detetar a denúncia das ruínas e do tédio do quotidiano, o insulamento, a interpenetração do corpo na ilha e vice-versa. Mas há também uma *visão de fora*, à distância: a dos que partiram. Filhos de Ítaca lhes chamarei, porque no seu percurso de (a)venturas eles constroem a Ilha imaginada pelo Desejo e pela Memória: simultaneamente Ulisses e Penélope, eles (des)fazem a mortalha de palavras com que entretecem o decurso dos dias à espera de uma chegada que sabem para sempre adiada, porque a Ilha que procuram é já a ilha perdida da Memória – visão evocativa, por isso, em que o Pretérito Imperfeito poderia ser o tempo verbal da nostalgia, do fascínio. Nemésio, Natália Correia, Vasco Pereira da Costa, Marcolino Candeias, João de Melo, Avelina da Silveira (já numa fase recente, de sintomáticos cruzamentos linguísticos) ou Mário Machado Fraião navegam mais ou menos na distância deste tempo (título de Marcolino Candeias) e recuperam pela escrita um tempo ilhéu em diluição, que é também aquele que encontramos em parte da poesia de João Teixeira de Medeiros, um poeta de grande qualidade e rigor expressivo sempre que se mantém no âmbito da quadra e da redondilha, e cuja vivência da emigração lhe permite o duplo sentimento de presença e lonjura em relação à ilha.

[...]

Essas *miragens de América* constituíam também um dos motivos centrais na escrita dos contistas da Horta, onde encontramos já presente a grande parte dos campos temáticos e dos universos físicos e sociais que a narrativa açoriana posterior se encarregará de desenvolver e complexificar: desde a recuperação mitificada de alguns mundos da infância no reduto da Ilha até à dispersão ou à perdição no grande mundo, seja ele Lisboa, Paris, as Américas ou, mais recentemente, a África (onde a perdição se consumou no absurdo tempo da guerra colonial), e passando pela aprendizagem e pela iniciação da vida e do corpo que a saída e a errância proporcionam.

Mas, quer se trate dos mundos recônditos que encontramos em Cristóvão de Aguiar, João de Melo, Vasco Pereira da Costa, Manuel Ferreira, Álamo Oliveira e mesmo nos contos de Nemésio (mundos esses de que nem sempre o trabalho convocador da memória consegue afastar um olhar amargurado, outras vezes irónico, que é o contraponto disfórico de alguma nostalgia); quer se trate da luta do homem com a terra e o mar e em particular a saga, simultaneamente épica e trágica, do baleeiro picoense, tal como ocorre em Dias de Melo; quer se trate de alguns dos espaços concentracionários de José Martins Garcia (em que o registo burlesco e satírico é ainda uma derradeira forma de libertação e a manifestação de um estilhaçamento irreversível), ou mesmo dos espaços simplesmente opressivos e *cercados* de Fernando Aires, Fátima Borges e, parcialmente, Daniel de Sá - o que aí se evidencia é uma escrita preocupada em fazer da pluralidade dos seus universos um lugar de procura e de encontro do Homem a contas com o seu tempo e o seu espaço, com a sua memória também.

E se é o sonho com outros mundos para lá do horizonte, mais amplos e menos asfixiantes que o da Ilha, que dá sentido a uma figura como Margarida Dulmo, o sonho com as *Califórnia perdidas de abundância* atirará muitas mais personagens para os riscos, aventuras e desventuras da emigração, como é possível ver, do *lado de cá*, em praticamente todos os narradores referidos e ainda em Ruy-Guilherme de Morais, José de Almeida Pavão, Eduíno Borges Garcia (cujo 'Passageiro Clandestino' constitui um caso singular na narrativa de emigração), na prosa poética de Adelaide Batista ou, do *lado de lá*, em Onésimo Teotónio Almeida, Manuel Ferreira Duarte, José Francisco Costa, que escrevem a emigração a partir de dentro e da visão que sua própria experiência lhes proporcionou.

Deste modo, a Narrativa Açoriana (entendida aqui no sentido de um macrotexto que relevaria da pluralidade das narrativas singulares) poderá ser lida como a representação literária do processo histórico de um povo, dos percalços e avanços da sua caminhada, dos diferentes modos como ao longo do tempo ele foi olhando para si e para o mundo, estabelecendo a partir daí as coordenadas de um *território* físico e simbólico necessário à sua sobrevivência; simultaneamente, essa Narrativa atesta o diálogo, nem sempre pacífico, que as escritas travaram não apenas com uma tradição literária mas ainda com a sua contemporaneidade, não necessariamente circunscrita a uma língua e a um espaço cultural.

Se tomarmos por referência duas obras como *O meu mundo não é deste reino* (1983), de João de Melo, e *A Fome* (1977), de José Martins Garcia, veremos que a condensação temporal aí operada (mesmo nos seus bem diferentes procedimentos narrativos) permite refazer ficcionalmente um percurso histórico de cinco séculos, numa efabulação entre o realismo e o fantástico e em que verdade e mito propiciam a revelação de personagens presas às contingências e vicissitudes de um destino insular atlântico, transportando consigo os sinais atávicos do isolamento e da distância. Em qualquer dessas obras, o início da narrativa convoca explicitamente uma fonte documental (fictícia, no primeiro caso, e real no segundo) cuja função não será sequer a de caucionar um eventual enquadramento no género romanesco histórico, mas sobretudo instituir a existência de um território e de uma 'genealogia'; ambos os documentos citados se reportam ao achamento de uma nova terra, ao momento em que o homem pisa um solo diferente e o nomeia (isto é, identifica e *domina* pela palavra, estabelecendo a sua posse), e de algum modo adquirem um estatuto mítico ao reportarem-se a um tempo primordial, o dos *atos fundadores* que inauguram um novo espaço e, por consequência, uma outra história: entendidos assim, os referidos relatos legitimam o direito de pertença a um território por parte das personagens (de que o protagonista-narrador de *A Fome* possui uma aguda consciência) e ao mesmo tempo estabelecem também um decisivo fator identitário (e o título do romance de João de Melo é, sob este aspeto, fortemente revelador).

A esta luz, a forte vinculação territorial que atravessa a Narrativa açoriana (Vamberto Freitas fala, a propósito, de uma 'estética da territorialidade') pode ser vista como elemento de um património simbólico, embora, ao nível imediato do tempo 'empírico' que a cada personagem foi dado viver, a íntima ligação entre as personagens e o espaço que as condiciona venha a adquirir contornos mais complexos.

Nas páginas finais de *Mau Tempo no Canal*, e já em jeito de balanço do seu casamento com André Barreto, Margarida Dulmo tece algumas considerações sobre o amor e coloca 'o amor da nossa terra' ao lado do amor de amiga e de filha como 'o que tem conhecido de puro e sério no mundo'. Não deixa de ser significativo que a afirmação seja atribuída a uma personagem que ao longo da narrativa se caracterizou primordialmente pelo incessante desejo de fuga ao 'mundo abreviado' da Ilha, em resposta ao aceno de um espaço outro para lá da linha precária e misteriosa do horizonte: afinal, esta tensão entre o próximo e o distante, o limitado da Ilha e o ilimitado do mundo, constitui um dos traços dinâmicos de grande parte das personagens da ficção açoriana, empurrando-as para uma vivência de errância e, no limite, de perdição.

É certo que, e retomando as duas obras anteriormente destacadas, em *O meu mundo não é deste reino* nos deparamos ainda com um mundo insular voltado para si mesmo, embora os sinais do exterior aí se façam sentir por vezes de forma dramática (e possam deixar antever a dispersão que ocorrerá em *Gente Feliz com Lágrimas*, onde cada membro da família conhecerá a sua particular forma de errância que só a escrita de Nuno Miguel/Rui Zinho permitirá resgatar da perdição absoluta). Mas n'*A Fome* encontramos já uma personagem em fuga, condenada à 'divagação, narrativa ou carnal' (porque tornada cronista da sua própria peregrinação) e em [cuja] *perdição se conjuraram* motivações entre si tão diversas mas liminarmente reduzidas no seu discurso 'a fome de movimento, de viagem, de espaço, ou muito simplesmente duma costeleta'; ora, se esta viagem do protagonista em direção a leste pode, em certo momento, ser vista ainda como uma espécie de regresso ao ancestral 'lar' europeu (regresso impossível e 'imperdoável'), aquilo que ao longo dessa deriva se verifica é um desenraizamento e um estilhaçamento da personagem que, ao procurar-se nos fragmentos de si mesma, encontrará a 'memória antiga' da Ilha, que *permanece* e a acompanha como traço indelével de uma origem territorial, impresso no mais fundo do seu 'código genético'.

As viagens para oeste não conhecerão, todavia, melhor fortuna (como bem sabem outras personagens de José Martins Garcia que perfazem o ciclo da peregrinação pela Europa e América), a não ser a que possa traduzir-se em dólares acumulados e no bem-estar material que venham a proporcionar, ainda assim após um doloroso percurso de iniciação e aprendizagem do mundo. Mas também elas atestam esse movimento de atração/repulsa em relação ao espaço da Ilha, o choque de forças centrífugas e centrípetas que têm sobre Francisco Marroco, personagem de *Pedras Negras* (1964), de Dias de Melo, os seus efeitos

mais devastadores: o desespero, o sonho e o medo de um futuro antevisto na memória do passado lançam-no em Demanda do Paraíso Americano, numa atitude em que o lastro das condições económicas desemboca na rebeldia, na insolência do herói trágico ('Não é a terra do Pico que me há de comer os ossos'). A imagem da Ilha ausente constituir-se-á, porém, como a grande presença na errância de Francisco Marroco e acabará por impor-lhe a sua vontade, fazendo-o regressar ao espaço insular onde será destruído, reconduzido ao seu estado inicial, perdendo-se da felicidade que julgara tão duradoira como o vasto mundo que havia conhecido.

VASCO PEREIRA DA COSTA: O ESCRITOR E A ESCRITA, [1998] ("VasCO PEREIRA DA COSTA: O ESCRITOR E A ESCRITA" in O Gosto das Palavras III. Lisboa, Edições Salamandra, col. "Garajau", 1999, pp. 114-116-117-118)

"A estreia editorial de Vasco Pereira da Costa em 1978 permite integrá-lo no grupo de escritores açorianos que desde os princípios dessa década (nalguns casos ainda nos limites finais da anterior) têm vindo a configurar aquele que, salvo erro de apreciação, se apresenta hoje como um dos mais fecundos momentos da literatura açoriana, em extensão, mas em profundidade também, a nível da criação propriamente dita e igualmente a nível da circulação e da receção:

[...]

No caso de Vasco Pereira da Costa, a sua escrita organiza-se muito em função desse lastro da memória,

[...]

Em primeiro lugar, aquela a que, à falta de melhor, eu chamaria uma *memória geográfica*, propiciando a representação de um espaço e de um tempo que são fundamentalmente os da infância e mesmo da adolescência no 'pequeno mundo' açoriano e angrense

[...]

Em segundo lugar, poder-se-á falar, a propósito de Vasco Pereira da Costa, de uma *memória cultural*, e literária em termos mais restritos. Esse seria, por exemplo, o sentido da recuperação 'histórica' verificada nas narrativas de *Memória Breve* e mesmo em vários dos textos que integram os seus livros de poemas, muito embora se esteja longe de uma simples reconstituição epocal, que, nalguns relatos, o recurso à linguagem arcaizante mais levaria a fazer crer. Trata-se sobretudo de indagar a profunda verdade humana e afetiva que subjaz aos acontecimentos narrados, articulando-os, por vezes, com a realidade do presente, como acontece com a memória de Pedro e Inês, em que numa colagem de tempos o passado histórico se cruza com a contemporaneidade do narrador, para mostrar na diversidade dos sinais

a permanência da punição e do castigo que atingem o homem na sua precária condição.

[...]

É a combinação dessas duas memórias, a geográfica e a cultural, que confere particular densidade a uma boa parte da poesia de Vasco Pereira da Costa,

[...]

A convocação de toda esta herança cultural e a pluralidade de discursos produzem no interior da obra um efeito de vozes que dialogam entre si, e atestam a conceção da escrita como um trabalho de transformação de outros textos, como um processo de reescrita, afinal, e traduzem ainda, por parte do autor, a forte consciência de que escrever, sendo um compromisso com o tempo e com os homens, é também, e no mesmo plano, um compromisso com a literatura, com o rigor e a exigência da palavra em que nos dizemos."

SONHOS DE QUE A VIDA SE TECE, (Santo Amaro sobre o mar. Desenhos de Alberto Pessim. São Roque do Pico, Câmara Municipal de São Roque do Pico. 2ª edição revista, 2009, pp. 8-10-11).

Vim por causa de um sonho.

Homens e mulheres dançavam ao ritmo de instrumentos de que não se ouvia o som, num movimento balanceado que um dos pares aproveitava para experimentar a mornura e a dureza dos corpos, a mão dele descia pelas costas dela até se deter no volume das nádegas, os dedos espalmados na ânsia de reter para sempre a impressão da sua carne quente, e num momento todos fugiam desordenadamente, empurrando-se e gritando, violas, rabecas e bandolins desfeitos debaixo dos pés agora muito mais ligeiros do que antes: uma ribeira rasgava a Lomba de cima a baixo, o seu caudal saltara as margens e avançava sobre os terrenos, por entre as casas, uma moagem desprendera-se mesmo dos fundamentos, flutuava a caminho do mar como se fosse um frágil barco e continuava a moer o milho que dá o pão de cada dia, e já as águas mudavam de cor, do amarelado ao laranja e, finalmente, ao rubro e a ribeira era de fogo e queimava tudo à sua passagem, alguns homens lançavam os barcos à água, pensando aí encontrar a salvação para tão pobre vida, o par que há pouco se consumia no fogo do seu abraço era apanhado pela torrente de lava, enquanto outros sobre a costa se transformavam na imagem contorcida de anjos para sempre torturados à vista do mar tão próximo. Às vezes, o sonho tinha algumas variantes: um homem caminhava sobre as ondas atraído pelo gesto e pelo grito de quantos lançavam ainda um último apelo à vista do abismo do mar, e ao conduzi-los até ao barco embandeirado e de velas içadas reparava que, afinal, não havia portaló nem escadas que permitissem entrar nele.

Cheguei vários anos depois deste sonho.

E seguramente depois de muitos outros que, tendo-o sonhado ou não, aqui chegaram impelidos por essa voz que do fundo de cada homem lhe comanda os passos, por vezes de forma obscura ou até mesmo impercetível. Tal como aconteceu com João Machado. Deixou para trás as tarefas de uma vida incerta que o levavam ora ao remendo de uma porta, ora ao teto de uma casa, pequenos trabalhos muito aquém da sua arte e em nada comparáveis à elegância final de um barco, aos poucos erguido do chão até mirar-se no espelho da baía. Aqui se fixou, como árvore que encontra, enfim, terreno propício e vê depois os ramos estender-se e cobrir-se de frutos, verão atrás de verão.”

SIGNO ATLÂNTICO, (“Signo Atlântico” in Português, Contrabandista. Antologia de Contos de José Martins Garcia. Lajes do Pico, Município das Lajes do Pico, col. “Biblioteca Açoriana”, 2009, pp. 117-118-122-123).

“Numa outra perspetiva, a narrativa de José Martins Garcia solicita ainda uma aproximação pela vertente satírica, que traduz a projeção de uma determinada visão do mundo e de um relacionamento distanciado e crítico em relação a ele e às suas normas e condutas, e que, em termos literários, se organiza com base em procedimentos linguísticos e retóricos diversificados.

[...]

Ora, se considerarmos o arco de tempo representado na ficção de Martins Garcia, veremos que ele se situa, *grosso modo* e ressaltando as particularidades de *A Fome*, entre os anos 50 e os anos 80 do século XX, um período que engloba a cinza e a desumanização do salazarismo-marcelismo, com os seus mecanismos de repressão e censura, o exílio e o expatriamento, o abandono e a miséria insulares, a guerra colonial e as suas consequências devastadoras a nível físico e psicológico; mas neste lapso de tempo situa-se ainda a euforia da revolução, ela própria objeto também de um olhar que põe a ridículo os seus excessos e desatinos. Em *O Medo* (1981) deparamos com uma narrativa que articula dois planos temporais (o mais recente reportando-se a 1975 e o outro a cerca de vinte anos antes) e com o mesmo protagonista atingido por um medo de diferente origem e natureza, mas paralisante em qualquer dos casos; em ‘Paz e Liberdade’, de *Contos Infernais* (1987), uma rigorosa notação cronométrica serve o relato de *vinte e quatro horas na vida...da revolução*, focalizando os seus aspetos demenciais e carnavalescos.

[...]

A sátira escolhe os seus alvos e joga-se toda na inventiva e nos mecanismos da linguagem que, da ampliação à atenuação, proporcionam o espelho deformante (côncavo ou convexo) em que o mundo poderá olhar-se na sua imagem ora ridícula, ora burlesca (e eventualmente corrigir-se). Processos como a citação, a paródia, a alusão, a antífrase, o sarcasmo com o seu pendor hiperbolizante sucedem-se em José Martins Garcia, construindo uma linguagem que alterna a violência com a expressão subtil, desconstruindo sentidos fossilizados e questionando o poder da própria linguagem ou a linguagem enquanto poder e a fragilidade da sua própria convencionalidade.

[...]

Desde há alguns anos, a obra de José Martins Garcia tem vindo a ser objeto de estudo sistemático e aprofundado por parte de Luiz António de Assis Brasil, romancista e Professor Titular na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e que tem referido a ‘estética da repetição e da permanência’ como uma das marcas de grande parte da narrativa do escritor açoriano: no seu caráter petrificante, imobilista, repetição e permanência serão como que princípios organizadores da perceção do mundo insular por parte de José Martins Garcia – mas eles projetam-se mesmo no interior da lírica, pense-se no seu último livro de poemas, *No Crescer dos Dias* (1996), e na incidência dos mecanismos retóricos de combinatória e repetição que servem a expressão de uma *mesmidade* sufocante. Ainda aqui, esta ‘permanência’ poderá constituir a (re)versão paródica do motivo do ‘tempo suspenso’ que atravessa alguma literatura açoriana e muito do olhar exterior sobre os Açores, numa visão a-histórica e bucólica, incapaz até de levar em linha de conta aquele pouco de suor que Nemésio achava necessário para temperar o mundo adâmico insular.

Numa perspetiva geral, e na relação com a tradição literária açoriana, o que a escrita de José Martins Garcia opera é uma mudança de registo que institui um outro ângulo de visão na configuração do universo insular: em vez daquilo a que Umberto Eco chamaria uma ‘estrutura da consolação’, que concilia os contrários e os conflitos, dilui a memória das feridas e das dores, envolvendo tudo num apaziguador tecido de melancolia e nostalgia, a escrita de José Martins Garcia exacerba essa memória, revolve-a no seu desespero e na sua angústia, nas suas misérias também, num registo múltiplo que passa pela ironia, pelo burlesco e mesmo pelo grotesco,

[...]

Ao mesmo tempo, esse discurso do excesso e da deformação assume a sua libertação, o seu afastamento de uma tradição literária que veio fixando uma visão unidimensional do real, como se tudo tivesse de resumir-se a uma perspetiva trágica ou heroica: divergindo dessa tradição, este discurso mostra-nos que as imagens do mundo e da vida podem ser mais diversificadas, mais complexas e contraditórias e que a realidade não é, de modo algum, apreensível de forma eficiente sob um único ângulo de observação.”

FRAGMENTOS ENCONTRADOS NUMA GARRAFA DADA À COSTA, (Lugares Sombras e Afetos. Textos de Urbano Bettencourt e Desenhos de Seixas Peixoto, 2005, p. 7).

1. Traziam a tenda Pela tarde
a sombra crescia sobre os corpos

- que história morre agora
nesta página?
2. Assim perdia o derradeiro aceno
passara o tempo do amor e do vento

- foi visto em que porto
em que morte?"

URZELINA, (Lugares Sombras e Afetos. Textos de Urbano Bettencourt e Desenhos de Seixas Peixoto, 2005, p. 9).

Para:
José Guilherme T. Machado
Frederico Maciel
João Manuel Ramos

São de fogo ainda os olhos
dos peixes sob estas águas rubras
em mil oitocentos e oito,
e seletas as laranjas
desse maio, suspensas
entre o ramo e o gesto de colhê-las
(Laranjas de sangue
quem as colherá?
Nanja o Roberto,
que não é de cá).
A Torre Velha vela o tempo
do Canal
e às Trovas de Lacerda assinala
o *adagio assai* do andamento:

‘Tenho tantas saudades
como areias tem o mar...’
- a que rocha se acolherá
o pássaro que na voz de Mar-
garida ganha altura?
Como Ulisses recuso a surdez:
ergo do chão a vara poupada pelo fogo,
a ela me arrimarei enquanto vogo
de costa a costa
de ilha a ilha.”

POSTAL DE S. JORGE, (Lugares Sombras e Afetos. Textos de Urbano Bettencourt e Desenhos de Seixas Peixoto, 2005, p. 11).

Para
Carlos Faria, Onésimo T. Almeida, Seixas Peixoto

Chegas a S. Jorge e há um motorista pronto a tranquilizar-te face à lentidão do serviço de bagagens: ‘Ó senhor, a gente tá aqui é pra esperar’. Em S. Jorge, *aqui* é advérbio de lugar e de tempo também, como leste em Fátima Borges e poderias ter igualmente lido em Carlos Faria.

Sábado de manhã, abres a janela sobre o mar e as invisíveis laranjas da Urzelina. Canal. A gente tá aqui é pra esperar. E o Pico sem se mexer.”

VARIAÇÕES (EM TOM MENOR, É CLARO) SOBRE A POESIA DE EDUARDO BETTENCOURT PINTO, (Lugares Sombras e Afetos. Textos de Urbano Bettencourt e Desenhos de Seixas Peixoto, 2005, pp. 16,18).

*Percorro os nomes e os lugares
destes versos. Da geografia
sei muito pouco: os retratos em que nos perdemos
da infância e dos cheiros da terra,
o vagar do tempo, as suas rugas
na face da página, a breve crispação
das folhas sobre o sul.
Há três sílabas perdidas
na malha de um mapa tão esquivo assim:
talvez An seja a mais doce*

*e Go a mais magoada,
mais leve La como fosse
sílabas em que se ouvisse
o rumor dos deuses e a sua ausência.*

[...]

*Regresso dos nomes e lugares
destes versos. Não direi, porém,
a exata dimensão em que me tenha
perdido ou encontrado.
Pouso no peitoral a túnica
das palavras, o secreto sal dos seus caminhos,
e escuto
a lenta respiração
do mundo.”*

REGRESSOS, REENCONTROS, [janeiro, 2003] (Lugares Sombras e Afetos. Textos de Urbano Bettencourt e Desenhos de Seixas Peixoto, 2005, p. 22).

*Ouves a voz dessa mulher
nos dias que sobram de setembro:
um rumor solar de asas
vindo de longe
como quem atravessou a harmonia inteira
do mundo.
Ouves essa voz vibrando na manhã
e tudo em ti é regresso e onda:
os araçás da infância, os figos,
as sementes onde a vida espera a primavera,
uma mulher cantando no balcão sobre o mar,
uma ilha defronte.*

*Onde for o lugar de tudo isto e a memória
desse lugar,
aí encontrarás a raiz exata
das palavras,
a seiva
de que a vida se sustenta.”*

DESDE A CIDADE NERVOSA. URBANO BETTENCOURT Para Paula Massot, (Publicado originalmente em Atlântico Expresso. Ponta Delgada, 25.06.2001)

O Pico é para saborear e deve ser procurado sobretudo naqueles recantos do interior e da beira-mar de que fogem os taxistas de pé ligeiro que te querem despejar sobre o cais a tempo de apanharem o almoço na cidade em frente; por isso, se queres conhecer o Pico, vai aos Açores em agosto e eu mostro-te o lado íntimo da ilha. Terá sido mais ou menos isto o que eu disse a Enrique Vila-Matas em mil novecentos e noventa e sete, quando nos encontrámos no Funchal para participar no Colóquio «As Ilhas e a Mitologia». Na Feira do Livro, uma primavera suave cobria de flores de jacarandá os stands e os expositores, por entre os quais Federico Mayol fazia circular a sua perplexidade e o súbito espanto de uma autodescoberta (nós é que não reparámos nisso).

E voltei por certo a afirmar-lho quando, no ano passado, ele me apareceu inesperadamente em Ponta Delgada para visitar o túmulo de Antero, nessa tarde em que a cidade (nervosa) despejava na Avenida a fina-flor do seu lixo carnavalesco. Entre o túmulo e o banco sob a âncora a que nenhuma esperança acode, com uma viagem pelo sul até ao chão que primeiramente pisaram os naufragos de há meio milénio, houve ainda o tempo de uma saltada ao Faial para ver como poderia a realidade do Peter's Bar enfrentar a verdade dos *recuerdos inventados* no rasto de Tabucchi.

Nos começos deste ano, a voz do Enrique anunciava-me do outro lado do telefone: «Urbano, estou em Pico.» O calendário registava mais uma vez a semana de Carnaval. Já não lhe falei de agosto.

E depois de ler o seu mais recente livro, *Desde la ciudad nerviosa* (Alfaguara, 2000), sei definitivamente que não voltarei a propor-lhe esse mês para um reencontro na minha ilha. Afinal, agosto é o tempo de gozar todas as comodidades e confortos de Barcelona, imobilizado em casa e pensando em quantos por esse mundo queimam os pés na praia ou, em paisagens bucólicas, se afundam numa poia de vaca. É o tempo de, melancolicamente, pensar também naqueles que, iludidos talvez pela toponímia espanhola, acabam por desembarcar em ilhas onde até os pastores são alemães e donde enviam nos postais turísticos os derradeiros e aflitos apelos de quem vai afogar-se para sempre. E é, finalmente, o tempo de escrever a Jean-Paul Sartre, dizendo-lhe que a literatura pode servir a um escritor para vingar-se dos amigos que o invejam e lhe encham a casa com os nada invejáveis postais de amanheceres em países remotos ou pores-do-sol em casas de cinzentos países civilizados. E pode servir, acrescentaria eu, para iluminar a noite das cidades, nervosas umas, invisíveis outras, quem sabe se inabitáveis quase todas, como diria U. Eco, ou ainda para conduzir-nos pelos labirintos da palavra do outro e reorganizar assim a *memória do mundo* ao lado de Ítalo Calvino e de quantos as crónicas-ficções de Enrique

Vila-Matas a cada passo convocam, na constante preocupação de refazer a gramática da escrita e das diferentes linguagens em que somos ditos e nos dizemos.

Sei definitivamente que não voltarei a propor a Vila-Matas uma viagem ao Pico em agosto. Mas continuarei a insistir em acompanhá-lo num outro qualquer mês, para mostrar-lhe como é possível ainda hoje ver as ilhas erguer-se violentamente do mar como no princípio de tudo e dar-lhe a conhecer alguns lugares que poderiam ter alterado os rumos e o sentido da viagem vertical de Mayol antes de cruzar-se com esse vago professor Silveira, de quem se dizia que tudo copiava de Manfredi; poderei mesmo sugerir-lhe vários nomes para o café onde Mayol passa as tardes em cavaqueira com os seus amigos da tertúlia literária: Santamaro, Castelete, Cais do Galego ou Calhau, por exemplo, e não deixarei de levá-lo à Baía do Canto ou à ermida negra erguida junto ao que resta do navio soterrado pela lava quando aproava a S. Jorge, aonde o apóstolo Mateus se dirigia para cobrar os impostos. E acabaremos por certo a provar um cavaco guisado na companhia de Almeida Firmino e António Nobre, se porventura a gastronomia politicamente correta ainda não tiver substituído aquele pitéu por uma açorda cor-de-rosa.

Sei definitivamente que, depois disso, ele poderá escrever de novo *As Ilhas Desconhecidas* ou o *Corsário das Ilhas* e chamar-lhes livros seus, como o fizeram Raul Brandão e Vitorino Nemésio ou Pierre Menard em relação ao *Quixote*, e reclamar para si a autoria de uma frase simpática sobre a ilha em frente ou de uma outra segundo a qual tudo, para o ilhéu, se resume em longitude e apartamento, ainda que em castelhano as duas palavras pudessem reduzir-se a uma só: *lejanía*.

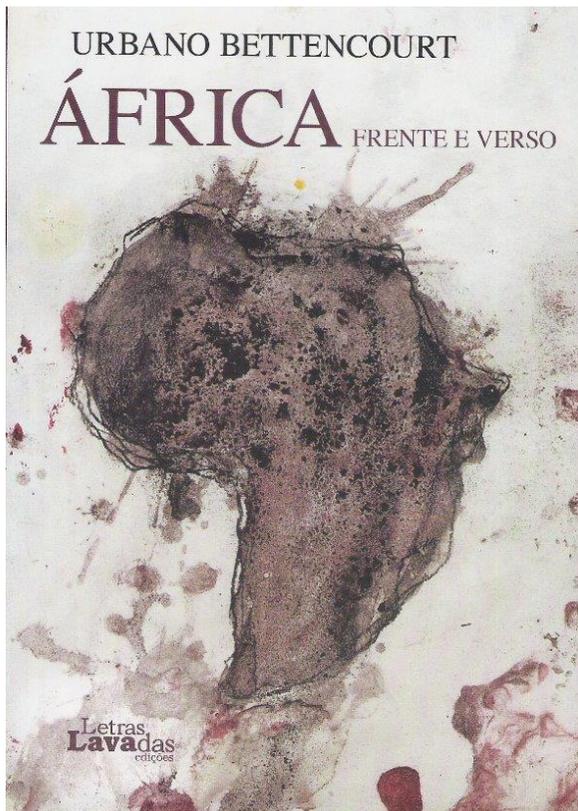
Sei também, e mais definitivamente ainda, que depois disso ele terá mesmo de escrever novamente *as Ilhas de Matéria Nenhuma*, de Nadine Villejean, que descobriu o Pico através de Manuel Machado e Aud Körbol e se perdeu nos mistérios da lava e do silêncio, sem ouvir as vozes do vento e do fogo nem compreender que, depois de Tabucchi ter escrito «Uma baleia vê os homens», o Capitão Ahab está morto e enterrado e não ressuscitará ao terceiro dia, e só mesmo Sena Jeter Naslund resgatará ao fundo da memória alguns traços do seu rosto diluído já no tempo e nas ruínas do afeto. E, ao reescrever esse livro, ele há de redimir de vez o olhar perturbado de Nadine Villejean e descobrir que os seculares enforcamentos nas figueiras da Baía do Canto não passam, afinal, de suicídios exemplares; e há de contar ainda a história do homem que sonhou ter entrado numa grande livraria que vendia apenas um livro intitulado *Terra de Lídia*, de Maria Orrico, e ao abri-lo deparou com um único parágrafo que dizia: *Percebi que ninguém chega aos Açores mais do que uma vez. O primeiro passo é definitivo e irrevogável, marca-nos para o resto da vida o corpo em viagem. Depois, são apenas retornos, regressos, remorsos de terra húmida que não se deixa esquecer.* E quando, um dia, ele deixar *as Ilhas de Matéria Nenhuma*, será para regressar ao seu texto

«En las Azores» e reescrevê-lo infinitamente até já não distinguir os *recuerdos verdaderos* dos *recuerdos inventados*.



"O GOSTO DAS PALAVRAS III", Urbano Bettencourt, "O Gosto das Palavras III"

Às vezes, dá-me saudades dos anos sessenta. E não será tanto a vaga nostalgia dessa "adolescência que nunca ninguém tem a não ser quando a relê num livro" (como escreve Joaquim Manuel Magalhães num belíssimo poema) e nem talvez num qualquer sentimento de desencanto de quem perdeu as flores que Scott McKenzie nos pusera nos cabelos antes de entrarmos em San Francisco, de cujos caminhos acabámos, aliás, por desviar-nos, sem nunca lá termos chegado. Não, não será por isso que às vezes sabe bem olhar para trás e, nessa pausa do tempo, recuperar algum do apaziguamento interior, da ingenuidade mesmo, que os anos foram transtornando e subvertendo até; aquilo que continua a chamar-me, nesse regresso, será muito mais a possibilidade de confrontar-me, trinta anos depois, com a pura sensação de quem vê as suas próprias palavras estampadas em letra de forma nas páginas dos jornais. E aqui, sim, poderá insinuar-se a nostalgia pelo tempo de um olhar otimista sobre a imprensa e que talvez fosse, afinal, o sinal de uma confiança mais vasta, de uma crença na possibilidade de transformação do gosto, da vontade e do desejo; é decerto a limpidez desse olhar antigo que me atrai ainda, sobretudo quando em confronto com alguma perversidade que se atravessa no meu olhar de hoje sobre a imprensa, os seus jogos, o seu tédio.



23º COLÓQUIO DA LUSOFONIA FUNDÃO 2015



23º COLÓQUIO DA LUSOFONIA FUNDÃO 2015





APRESENTAÇÃO DO LIVRO

O AMANHÃ NÃO EXISTE

DE URBANO BETTENCOURT

E DAS NOVAS EDIÇÕES DAS OBRAS DE JOSÉ MARTINS G

MADALENA DO PICO
Salão Nobre da Câmara Municipal

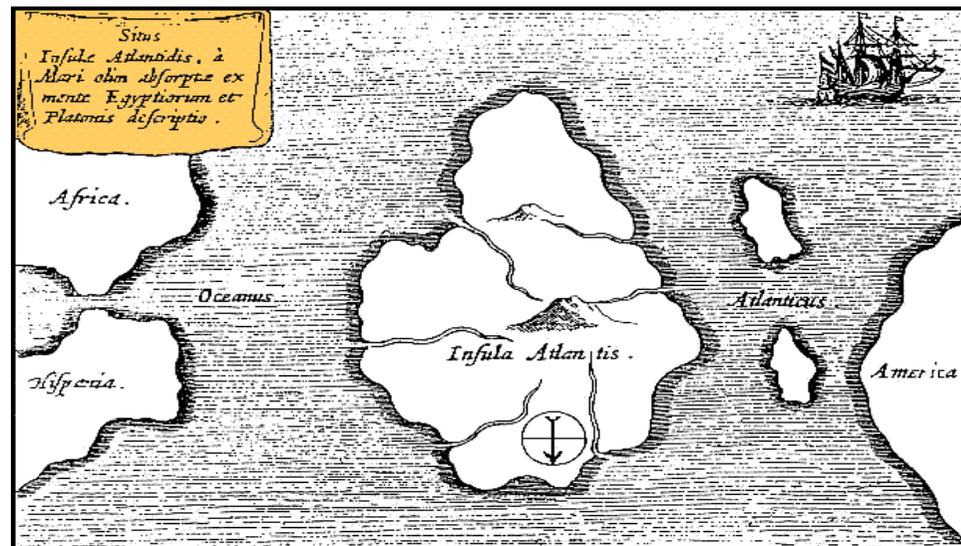


SEGUNDA
29 DE M
20 H



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



CADERNO Nº 11 junho 2011

DEDICADO A URBANO BETTENCOURT

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL/Colóquios da Lusofonia
Chrys Chrystello editou este número
Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por
COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA
- revisto janeiro de 22

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115